



CRÔNICAS DO 2º CONCURSO
LITERÁRIO CARMEN DA SILVA

*Com a palavra,
Carmen da Silva*

ORGANIZADORES

**DANIEL BAZ, JOSELMA NOAL E
TIAGO GOULART COLLARES**


Editora da furg

**CRÔNICAS DO 2º CONCURSO
LITERÁRIO CARMEN DA SILVA**

*Com a palavra,
Carmen da Silva*

ORGANIZADORES

**DANIEL BAZ, JOSELMA NOAL E
TIAGO GOULART COLLARES**



**RIO GRANDE
2023**

Editora da Furg
2023, Rio Grande, RS

Revisão: João Reguffe e Nubia Hanciau

Design, formatação e diagramação: Maria Rita Martins

Fotografia: *www.carmendasilva.com.br*

Ficha catalográfica

Ficha catalográfica

P154 Com a palavra, Carmen da Silva [Recurso Eletrônico] / Organizadores Daniel Baz, Joselma Noal, Tiago Goulart Collares. – Rio Grande, RS : Ed. da FURG, 2023.
93 p. : il.

Crônicas do 2º Concurso Literário Carmen da Silva.

Disponível em: <http://repositorio.furg.br/>

ISBN: 978-65-5754-181-4

1. Literatura Sul-Rio-Grandense 2. Crônica 3. Concurso Literário
4. Carmen da Silva (1919-1985) I. Baz, Daniel II. Noal, Joselma
III. Collares, Tiago Goulart IV. Título.

CDU 821.134.3(816.5)-94

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos – CRB10/2344



CARMEN DA SILVA EM
SUA BIBLIOTECA. FOTO
DE FERNANDO SEIXAS

A palavra incendiária de Carmen da Silva

Lucilene Canilha Ribeiro

Ao completar seis anos de trabalho na revista *Claudia*, à frente da coluna “A arte de ser mulher”, Carmen da Silva, ao analisar seu percurso profissional até aquele momento, indagava-se sobre a importância de seus artigos para a vida das pessoas. Em um dos textos lançados naquela ocasião, ela percebe a dimensão coletiva que a escrita pode tomar e diz:

É só ao superar o individualismo, ao descobrir e reconhecer o Outro (e o Outro são os demais, a coletividade) que cada um encontrará uma saída real para o círculo vicioso de infelicidade e solidão. [...] A pessoa continuará a se debater em novos conflitos e a cair em novas ciladas, enquanto não houver compreendido que seu destino está indissoluvelmente ligado ao destino dos outros, que o mundo é convivência e participação. (SILVA, 1994, p. 32)

Sua coluna era mantida por textos em constante diálogo com as leitoras (algumas vezes, com os leitores também) e, por isso, se configurava em um grande projeto coletivo onde outras vozes ressoavam na máquina de escrever de Carmen ao compor os artigos para a revista. Sua escrita nunca foi solitária. Esta angústia e a constatação presente no trecho aqui citado fariam eco mais de 50 anos depois

¹ SILVA, Carmen da. **O melhor de Carmen da Silva**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

² Idem, p. 174.

em sua cidade natal, Rio Grande, na segunda edição do concurso literário “Carmen da Silva”. Neste momento, escritoras e escritores de todo o país foram estimulados a evocá-la na produção de crônicas em seu tributo.

Quando propomos a ideia do concurso, não podíamos prever de que maneira a escritora gaúcha manteria/construiria os laços com seu público. Ao finalizar a edição do livro, com as crônicas selecionadas, percebemos que a voz de Carmen nunca foi tão necessária, o que é perceptível nos diálogos que constroem esta antologia. Seja através do entrelaçamento entre o trabalho ficcional da autora e a escrita da crônica, como no caso de “Um paraíso chamado Farol da Solidão”; seja pela sinalização sobre quão necessário é ouvir as mulheres que nos antecederam para enfrentar os problemas cotidianos, tal qual em “Pelo olho mágico”; ou até mesmo na recuperação das palavras de Carmen para sinalizar a importância de ser transgressora, de ser protagonista de sua própria vida, circunstâncias narradas em “Um café (ou cerveja na mesa de um bar) com Carmen da Silva e outras mulheres”.

Em algumas crônicas, podemos perceber uma forte conexão com temas debatidos na coluna jornalística da autora, com especial atenção para aqueles problemas enfrentados pelas mulheres em nossa sociedade até hoje. Em casos mais abrangentes, temos “Gramática de ca(u)sa”, que aborda o questionamento do que seria a essência feminina, e “Buracos”, que fala sobre a dificuldade de ser mulher na sociedade atual. Tratando de temas mais pontuais, “Letras de batom” reflete sobre a

ditadura da beleza no universo feminino e “O delicioso sabor da maturidade plena” discorre sobre as angústias e os tabus que são impostos às mulheres maduras. A problematização da atribuição da vocação da vida doméstica, familiar, que é designada às mulheres, é debatida em “Carmen da Silva. Décadas depois. Mulheres periféricas. Vida que segue...”. Por sua vez, a violência contra a mulher, seja física ou psicológica, é tema da crônica “Andorinhas”, que rememora a história de várias mulheres e o despertar de uma força de luta.

A autora rio-grandina não só é revisitada em seus escritos, mas também em sua imagem histórica. Em “O legado de Carmen”, sua figura é exaltada no panorama do feminismo brasileiro ao lado de outros nomes importantes que pensaram criticamente a questão da mulher na sociedade. Na mesma linha de pensamento, “Mais Carmens contra o preconceito” salienta a importância de mais mulheres erguerem suas vozes contra o sistema patriarcal, a exemplo da escritora. “O que ela faria?” e “Milagres para mitigar dores”, diferentes em estilos, aproximam-se ao destacar a influência de Carmen nas mudanças sociais ocorridas no âmbito da vida das mulheres e na manutenção de direitos adquiridos, pois, elas reforçam, a luta é contínua. O coro de vozes ainda encontra espaço para exaltar os ensinamentos de Carmen da Silva, como é o caso de “Passos seguros” e “As crônicas de Maslow”. Em “Um dia desses” e “Como?”, as crônicas reforçam a grandeza e a atualidade dos textos da autora, convocando à leitura.

Conforme qualquer discurso, o livro que aqui se apresenta

mostra-se coletivo em essência. É diverso, plural. Porém, é inegável o seu propósito de recuperar, instigar e fazer ouvir não só as suas próprias vozes, mas também a de Carmen da Silva. Quando a palavra está com ela, como alude o título do concurso, ela está com todos nós que lutamos e exigimos um mundo mais justo, equânime e melhor para todas as mulheres.

A comunidade engajada e pensante a quem Carmen clama em alguns de seus textos escritos para a revista *Claudia* parece ter ouvido seu chamado e reverberado em grande estilo ao compor esta antologia. No entanto, é preciso avisar: ao adentrar neste universo feito de tinta, papel e ideias, corre-se o risco de manter acesa a chama dos pensamentos incendiários de Carmen da Silva. Estaremos indissoluvelmente ligados uns ao destino dos outros. Tudo o que posso garantir é que vale a pena queimar.

Breve passeio pela crônica, de Pero Vaz
Caminha ao século XXI:
A palavra de Carmen da Silva

Nubia Hanciau

Carmen da Silva, gaúcha, natural da cidade do Rio Grande, jornalista, feminista, exerceu sua arte de escrever em vários campos: artigos – ao longo de mais de duas décadas publicados pela revista *Claudia*, sempre preocupada em propor uma nova postura das mulheres frente à sociedade –, contos, romances, autobiografia/autoficção, novela, teatro. Mas não escreveu poesias ou crônicas. Talvez por isso não imaginasse que, nos cem anos do seu nascimento, mais de três décadas de sua morte, seria homenageada por suas herdeiras e herdeiros em concursos literários realizados em sua cidade natal, tendo poemas e crônicas como gêneros solicitados aos participantes. Menos ainda, que teria seu nome perenizado em placa de bronze afixada no coreto da tradicional Praça Tamandaré do Rio Grande, cidade que foi impelida a deixar ainda jovem (leia “A fuga para Montevideú”. PORTO, Comba Marques. *A arte de ser ousada*).

1 Responsável pelo projeto **Carmen da Silva, uma rio-grandina precursora do feminismo brasileiro** e pelo site: carmendasilva.com.br

Uma homenagem a Carmen da Silva [1919-1985].

Se a morte é o acontecimento da descontinuidade, a partir dele se pode criar a continuidade da memória. Ao tempo geracional vem então juntar-se um tempo genealógico, no qual toma corpo uma transmissão. Nela vem enraizar-se a memória. Não existe, *a priori*, geração dispensada da tarefa de levar adiante a herança das gerações que a precederam, tarefa própria ao trabalho de sucessão. A transmissão e a memória estão garantidas na totalidade dos conteúdos e dos continentes, significados e significantes que podem abranger.

Assim tem sido! É, pois, com esse entendimento e muito prazer, que estendemos o projeto acadêmico **Carmen da Silva, uma rio-grandina precursora do feminismo brasileiro** (2001-), associado ao projeto de cultura da FURG, IFRS-Rio Grande, oportunidades e iniciativas que têm mantido vivo o legado da escritora. Se o **I Concurso Literário: a arte no isolamento** reuniu em *e-book* (<https://www.carmendasilva.com/galeria>) minicontos e poemas de autorias diversas, premiando “Mofo”, miniconto de Lorena L. Dias da Silva, e “Aplainada”, poesia de Juliana Blasina – escritos durante a pandemia covid-19 - nesta segunda edição, que contempla o gênero crônica e o tema “Com a palavra, Carmen da Silva”, os textos contêm citação, fragmento de texto, epígrafe, um detalhe ou pormenor de autoria de Carmen, garantindo a continuidade de sua palavra, inscrevendo-a no tempo do

agora. Assim, os autores presentes neste *e-book* foram levados a pesquisar e a encontrar na obra da escritora suas ideias potentes ou inspiração para escrever e inserir no universo infinito da crônica suas propostas. Apresentadas ao II Concurso Literário, as crônicas inscritas neste concurso asseguram uma visão da posteridade a respeito de Carmen e de sua obra.

Quanto ao gênero crônica, ela já era uma incógnita que desafiava as melhores tentativas de definição muito antes de a produção artística e intelectual da pós-modernidade tornar difícil a conceituação precisa dos gêneros literários. A carta de Caminha a El-Rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista e lhe oferece matéria para o texto, considerado nossa certidão de nascimento. Embora se discuta se a carta inaugura ou não nosso processo literário, sua importância histórica atesta que ela é um começo de estruturação. Trata-se de um relato fiel às circunstâncias, princípio básico da crônica: o registro do circunstancial. A história da nossa literatura inicia com a circunstância da descoberta; logo, poderemos dizer, a literatura brasileira inicia oficialmente com uma crônica.

Tempos depois, alguns dos maiores críticos e intelectuais brasileiros dedicaram-se a esmiuçar o gênero, concluindo em relativo consenso para uma boa parte da academia: a crônica seria um gênero híbrido, que mistura ficção e não ficção, literatura e jornalismo, distante da ambição e da

grandeza de formas de expressão mais “nobres”, a exemplo do romance e da poesia. Considerada “menor” pela crítica, talvez a própria imprecisão do gênero tenha sido responsável por tanto de estranhamento no meio universitário. Hoje, porém, a crônica aproxima-se da sensibilidade cotidiana, ela está no coração do leitor brasileiro, até mesmo entre os adolescentes; vai do jornal para a sala de aula portando em suas entranhas a língua brasileira.

É voz corrente entre os teóricos que Machado de Assis foi quem “inaugurou” o termo no Brasil. Em “O nascimento da crônica” (1862), o consagrado escritor foi o primeiro a utilizar “cronista” como sinônimo de folhetinista ao dizer e certificar: “pela primeira vez em minha vida de cronista”. Para Afrânio Coutinho (1971), tal qual a conhecemos, a crônica perde as características de relato de viagens ou de anais para se identificar com o significado tradicional de ensaio, atribuído pelos britânicos: “tentativa, leve e livre, informal, familiar, sem método nem conclusão”. Tais aspectos não estão longe das características da crônica brasileira contemporânea, tampouco das que reunimos nesta coletânea, que herda do parentesco com o ensaio inglês a essência vinculada à palavra falada: elástica, flexível e livre. Marcada pela linguagem oral, mais livre e mutante, a crônica faz-se junto ao povo, ao diário, ao circunstancial, corroborando a afirmação de Antonio Candido, para quem trata-se de uma composição aparen-

temente solta, ajustada à sensibilidade de todo dia. Daí, quem sabe, desfaz-se o preconceito de considerá-la um gênero “menor”, uma vez que surge da conversação. Outro aspecto já referido, salientado por Davi Arrigucci Jr. (1987), é a memória, pois temos o factual determinando a matéria de que o texto é feito; tempo e narrativa se fundem, mas os fatos não obedecem à hierarquia dos acontecimentos na linha do tempo, e sim como o cronista os recorta da memória, de acordo com sua sensibilidade e o grau de contemplação, admiração ou de indignação frente ao episódio.

L. A. Fischer lembra que na crônica, como na vida, cada um dá o que tem. No caso do cronista, há ainda a seguinte peculiaridade: ele não só transmite o que lhe está na alma; precisa se despersonalizar ou desdobrar para captar os mistérios e as banalidades do cotidiano. É como uma antena (parabólica, talvez) aberta para o mundo, captando novidades, filtradas através de um temperamento e de uma história de vida.

Nada mais natural, portanto, que muitos cronistas, que são ficcionistas, em muitas de suas crônicas estejam mais identificados com a ficção do que com a crônica pura, sem fermento. Isso é ótimo! O fermento da imaginação, sobrepondo-se à simples observação, tem muitas vezes o dom de cutucar o leitor, de despertá-lo para outra dimensão da realidade, quando não lançá-lo em pleno absurdo. E este serve, quase em surdina, para a crítica so-

cial, a condenação das vaidades humanas, a reflexão sobre as armadilhas da vida moderna.

Seja em seus mergulhos no absurdo, seja na captação do cotidiano, o cronista nunca perde o poder de comunicar-se com o leitor através de uma linguagem clara, coloquial, sem rebuscamentos, a linguagem do povo, depurada por rígida disciplina. L. A. Fischer observa ainda que a crônica proporciona ao leitor a agradável sensação de compartilhamento que temos ao conversar com um parceiro. Para Rubem Braga, nosso cronista maior (autor de perto de oitocentas crônicas), mais que um gênero literário, ela é parente do bate-papo e da conversa fiada ao rés do chão. Braga adota para si a definição construída por seu amigo Manuel Bandeira: “Ser cronista é viver em voz alta”, e confessa que se espanta ao ver o resultado transformado em escrita interessar a tanta gente.

Mesmo provindos de horizontes diferentes, em abordagens diversas, os autores desta coletânea composta por dezoito crônicas, trazem uma unidade: o olhar sobre/de Carmen, ressuscitada no tempo, recriada no presente sob seus novos olhares; e uma surpreendente novidade em se tratando do tema “Com a palavra, Carmen da Silva!”: a maioria dos textos é de autoria masculina! Isso nos remete à igualdade de oportunidades e diversidade de olhares. E ainda à coletânea *O homem e a mulher no mundo moderno*, publicada pela Civilização Brasileira (1969-1971). Nela Carmen dá continuidade e amplia as reflexões reunidas em *A arte de ser mulher*, cujos artigos já revelavam sua preocupação, não apenas

com os problemas femininos, mas cuidando para que seu texto fosse apreciado sem distinção de gênero. Dessa forma contribuiu para a libertação do homem e da mulher ao abordar aspectos relativos ao atavismo patriarcal, estendendo suas observações para o plano do relacionamento entre os sexos.

Carmen volta ao presente e ao mundo significativo para encontrar seu lugar na ordem da transmissão e da memória. Necessariamente fluida, imprecisa, transbordante e até mesmo invasiva, comprova-se que a memória é transgeracional. E que a crônica, em sua evidente ligação com o tempo – “cronos” está em seu próprio nome –, elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural, garantindo a inscrição dos vivos e dos mortos em um mesmo tempo.

Agradecemos a todos e todas que acolheram nossa chamada, que pesquisaram a respeito da vida e da obra da nossa escritora, buscando nelas e nas histórias híbridas do dia a dia a inspiração para desenvolver sua escrita, aos que se inscreveram e enviaram suas crônicas para o **II Concurso literário Carmen da Silva**, dando origem a este *e-book*. Sua participação é muito importante! Ela contribui de maneira indelével para a manutenção da memória da grande escritora que é Carmen da Silva e para a divulgação do projeto institucional da FURG. Carmen morreu – certamente não foi uma boa morte: além de abrupta e precoce, ela teria muitos motivos para ter vivido mais, escrito mais, ficado um pouco mais entre nós ajudando-nos a refletir, a desenvolver o juízo crítico

nestes tempos tão espinhosos e complexos. Mas seu legado decerto permanecerá por muitas gerações, porque a memória, bem como a transmissão, são fabricantes de laços entre os indivíduos, entre as gerações, entre os diferentes tempos históricos, animando assim a produção de uma sociedade.

As crônicas aqui reunidas oferecem ao leitor situações do cotidiano, sentimentos comuns: “Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo”, eis a origem da crônica, segundo Machado de Assis, quase tão velha quanto o mundo. Ela é ampla: podendo ser factual, poética, metafísica, lírica, humorística, irônica, debochada, escrachada, cínica, cética e até patética, o importante é abrir o leque de opções.

Avante, pois! Carmen da Silva está cronicamente viva e presente!

Boa leitura!

Sumário

CRÔNICAS DESTAQUES

Gramática de ca(u)sa	18
Andorinhas	21
Letras de batom	27

CRÔNICAS SELECIONADAS

Pelo olho mágico	32
Um dia desses	37
O legado de Carmen	41
O delicioso sabor da maturidade plena	46
Carmen da Silva. Décadas depois. Mulheres periféricas. Vida que segue... 51	
Como?	56
Passos seguros	61
O que ela faria?	63
As crônicas de Maslow	66
Mais Carmens contra o preconceito	70
Um café (ou cerveja na mesa de um bar) com Carmen da Silva e outras mulheres	74
Um paraíso chamado Farol da Solidão	79
Buracos	82
Milagres para mitigar dores	84

AUTOR CONVIDADO

Cruzando a Praça Tamandaré	89
Carmen, a da Silva	92



Crônicas
destaques

Gramática de ca(u)ça

Maria Gabriela Cardoso

Homero foi para o seu escritório. Segui para o meu, que ficava bem distante do dele, quase do outro lado da casa. Como nasci em uma família de classe média, ficava mais próximo do que das outras mulheres, mas, ainda assim, dava uma longa caminhada. De paredes roxas em baixo-relevo, um abajur bege com saia e uma pilha de revistas sobre comportamento e maquiagens, era lá que eu ficava a maior parte do tempo. Seria coisa fácil e rápida. História do dia a dia. Logo terminaremos – pensei. Refleti sobre contos de fadas, mas isso não seria uma crônica, então pensei mais um pouco e uma personagem sem graça entrou em cena. Não trabalhei muito o seu perfil psicológico, isso seria o de menos. Uma boa descrição externa a resumiria, e isso já bastava para a trama. Fiz um rabisco no papel, em pouco tempo tinha uma palavra. Girei a caneta nos dedos olhando o reflexo da janela. Era o passado. Menstruou? Não é menina, é mulher. De uma linha a outra, um beijo – está no

caminho certo, mulher tem que pensar no futuro e fisgar um casamento. Eu nem ao menos sabia o que escreveria, mas todos já conheciam a história, é claro. Quando se esquece a pílula, tem que tomar duas seguidas ou apenas uma? Não sabia. E preservativo, é cem por cento confiável? Mas e quando o companheiro convence a não usar? Como proteger o peito? E lá caminhava transbordando em culpa. Dois traços ditavam o que viria. Alguém bateu à porta, era a família. Disse que precisava escrever uma crônica, mas nem deram bola. Enjoos, micção frequente, uma barriga. Vírgulas indevidas. Mas é mulher, mulher não tem margem pra erros, tem que saber. Apenas um filho, muitas interrogações. Não era o que queria, mas era preciso esconder. Fechei as janelas, havia muita gente lá fora me olhando, muitos eu nem conhecia. Foi mais difícil escrever no escuro, mas preferi assim. Sentei novamente, precisava pensar na personagem, o telefone tocou, estava desempregada. A empresa havia dispensado durante a licença-maternidade. A criatividade se perdeu. Mais algumas palavras foram rabiscadas de qualquer jeito, tão desconexas quanto a cronologia da história. Eram noites insones, choros secretos e mamilos rachados. As pernas inchadas e o corpo mudado dificultavam o processo de escrita. O espelho nem me via mais. Uma suposta traição, mas era aquele lema: a mulher faz o homem. Como escrever quando seu personagem nem sabe quem ele é, pois precisa pensar nos outros? O olhar de indiferença do companheiro pesava mais que a sobrecarga. O amor também dói. Ele logo voltou a viver e eu me via cada vez mais presa.

Preciso de mais horas no dia – repetia. Não era pouco tempo, era muita demanda. Chorei desandando a rima. Três exclamações seguidas. Era um pedido de ajuda, porém disseram que a gramática não aceita. Era exagero meu, então apaguei e fingi esquecimento. Homero bateu à porta, queria jantar, eu já não sabia mais em que parte da crônica estava. Quando voltei, não encontrei os papéis que havia deixado. Talvez alguém houvesse posto no lixo ou simplesmente o vento jogara longe. Tive que reescrever. A história estava péssima. A personagem encontrava-se entre parênteses e tudo em volta em caixa alta. Mas uma coisa aliviava: era das mais sem graça, mas não das piores, onde o ponto final é marcado à bala. Mais uma vez bateram à porta, era Homero avisando que sua crônica estava finalizada e corrigida. Fiquei surpresa. Antes de sair, me informou que o nosso filho havia acordado e precisava de mim enquanto ele ia para o trabalho e depois ao curso. Escrevi no papel que era preciso "agüentar", mas sem lembrar que já não se usa mais trema há muito tempo. Algumas lágrimas invadiram a história e lá fui direto ao papel de coadjuvante. “Foi só lá pela quinta ou sexta vez que apercebi, com um impacto que me tirou a respiração, o que a essas alturas já era o óbvio gritante para todo mundo: a coisa compulsiva, o círculo vicioso, nossas manobras de cachorro querendo abocanhar o próprio rabo” (SILVA, Carmen da, 1984, p.53). Na madrugada, com a liberdade em aspas, quando todos já estavam dormindo e os fios brancos cobriam toda a minha cabeça, percebi que no papel estavam apenas algumas linhas escritas e a morte estava bem adiante.

Andorinhas

Patrícia Baldez Américo Minervino

“[...] mulheres, que, aos poucos e imperceptivelmente, acabaram por cair numa armadilha tão compacta e intrincada que só mesmo um milagre as poderia resgatar. Por exemplo, mulheres já de certa idade, sem recursos econômicos e culturais, dependendo totalmente do companheiro para a subsistência própria e dos filhos, e suportando brutalidade, maus-tratos, humilhações, o exercício despótico do poder econômico e da autoridade marital. É uma situação frequente, sobretudo em nosso meio rural; muito fazendeiro só não marca a mulher com ferro em brasa porque não faz falta: ao contrário do gado, ela sabe a quem pertence e se mantém dócil dentro do cercado. Até o dia em que não aguenta mais e quer cair fora. E quando me escreve pedindo que eu lhe aponte um caminho, sinto-me eu também num beco sem saída” (SILVA, Carmen da. *Abracadabra!* In: *Mulherio*, mar.-abr. 1981).

Chamaram as duas de loucas. Por anos. De todas as formas

e em todos os lugares possíveis. Na paróquia do pastor histriônico, foi aos berros e convocando o fogo do inferno. No almoço de domingo na vizinha, foi baixinho, que era para não provocar o velho amigo – agora abandonado. Talvez ainda desse um caldo e Dona Sol pensava em recomendar à Luzia, assim que a fofoca e a noite esfriassem um pouco mais. Na praça, foi aos risos. Os mais honestos caçoavam sem dó: cansou de levar pau.

Mas só havia um fato relevante. Não importa a altura da fala, elas não ouviram. Estavam bem longe dali, conforme decidiram, assim que optaram pelo amor. Como assim amor entre mulheres? Amor entre velhas? Amor entre mães? Logo mais um pouco, serão até avós! Se tudo seguir como anda, talvez de um mesmo neto. Que destino! Que palhaçada! E por quê? Se o Zé dava de um tudo para ela? Don’Ana sempre foi meio estranha mesmo. Mas Maria...

Esqueci! Ou fingi não ver, como o resto da vila fazia há pelo menos duas décadas. Havia outro fato relevante. Seu José dava mesmo de um tudo. Inclusive bofetões.

Alguém contou que, certa vez, chegando sem avisar para o bolo do fim do dia, ouviu da porta: você me provoca, Maria. Um dia vou lhe dar uma tão forte que você vai sair voando da minha frente. Naquele momento, quem voou foi a visita. Ia fazer surpresa e acabou surpreendida. Mas não demorou muito para ele dar o que prometeu e ela realmente voou.

Então não importou o tamanho da curiosidade de cada morador do pequeno vilarejo, eles jamais saberiam a resposta. Não a verdadeira. Não a completa. Como Maria nunca foi escutada – nem na igreja, nem na vizinha, nem na praça –, elas resolveram que também não ouviriam nada de

seu ninguém. Já iam longe quando o burburinho se formou. Mas todos intuíaam a razão daquela tal loucura ter começado. Ou ido tão distante.

Eu, pequena, só passava férias por lá; matando saudade da vovó, que hoje é o que me mata. Saudade do colo dela e daquela vida simples, que parecia mais viajar no tempo do que no espaço. Será que ainda existe interior assim?

Quando a cidade é pequena, a história de cada pessoa muda a vida de todas as outras. A fuga de Maria e Don'Ana alterou até o clima do verão. Não achei ruim. Tinha muito interesse nessa história. Era assunto proibido! Embora fosse o que mais se falava.

No primeiro janeiro, logo depois das fujonas terem resolvido sumir na véspera de Natal, era comum ouvir: não fale na frente das crianças! Seguido de um “xô, xô” para nós. Sentia-me uma galinha pequena. Gostava de me sentir assim. Melhor que canário na gaiola, como o ano inteiro na cidade. Fingia que saía. Ficava longe o suficiente para não ser expulsa novamente e perto o suficiente para ouvir direitinho.

Descobri que mulher pode cuidar de mulher. Até aquela idade só ouvia mamãe dizer que não se devia confiar em mulher. Mulher é cobra, repetia. Lá no interior, descobri que não se devia confiar era em homem. Pelo menos não os brutos.

– Eu acho mesmo que foi culpa daquela Cláudia – Dona Cora só repetia isso. Ou era Carmen. Percebi que ela sempre confundia. E como nunca tinha sido apresentada a nenhuma Cláudia ou Carmen nas várias férias ali, imaginei que era alguma moça moderna que tinha vindo da cidade e

causado todo o auê.

Uns dois anos depois, o assunto já frio, mesmo com o povo ainda gostando de o requentar aqui e acolá, vim a entender as confusões da Dona Cora. A filha de Don'Ana, a doida, herdou suas revistas e convidou as meninas com mais de dez anos para lerem com ela ao longo daquele verão. Um programa diferente, nem todas gostaram. Tinha o rio com a sombra da árvore para competir. Dependendo do calor, é injusto, eu entendo. Para mim, ficou a sensação de que Jéssica era amiga de verdade por compartilhar aquilo. E vi, não de ouvir falar, mas com meus próprios olhos, que mulher pode cuidar de mulher sim. Talvez sejam as únicas que cuidam.

Numa tarde em que ficamos só nós duas, ela contou a história da mãe. Porque toda a cidade falava muito de Maria, louca por ter abandonado um marido com dinheiro só por causa do temperamento difícil. Mas quase ninguém falava de Ana. Um ou outro só murmurava com um risinho no canto da boca: aquela sempre foi assim, né?

Don'Ana não apanhava. Mas nunca havia amado o marido. Assim, talvez tivesse. Um amor de irmão. E ele sabia. E ele entendia. Tudo indica que ele entendia bem demais. Quando viu pela primeira vez uma cuidando do corte na testa da outra, e soprando, e beijando, e fazendo rir, ele entendeu antes delas. Ele entendia demais. Quando o caixeiro atravessou o vilarejo de novo, ele comprou um monte de revistas da cidade, mesmo sendo de meses há muito passados. A vila estava em anos ainda anteriores, certamente. Elas leram juntas. Debateram juntas. Admiraram-se nas concordâncias e ainda mais nas divergên-

cias. Passaram muitas horas juntas. Aprenderam coisas novas.

A verdade é que ainda passaram a última ceia na casa de Don'Ana. Pegaram economias e a estrada logo cedo do dia 25.

– Se um de nós ainda pode, tem de tentar ser feliz, meu amor – teria cantado seu Antônio naquela alvorada quente. Ele entendia demais.

Quando voltei para casa, ao final daquelas férias, não tive mais dúvidas. Mamãe sempre preocupada em me fazer independente, talvez pelo trauma que papai deixou, não tardou a perguntar se eu já tinha ideia do que gostaria de ser quando crescesse.

– Agora tenho certeza, mãe. Quero ser jornalista. Dessas que escrevem de mulher para mulher.



CARMEN DA SILVA EM SEU
APARTAMENTO EM NITERÓI

Letras de batom

Ivan Domingos Oliveira Reis

Há tempos, as redes sociais mudaram a forma como a beleza feminina é percebida. Em meio à conectividade que nos cerca, as representações da mulher, seus costumes e apetrechos foram abraçados pelas artimanhas do mundo digital com apenas um clique. Nesse ecossistema, espelhos mudam de formato, função e sentido. Se os contos de fadas já lhes perguntaram quem é a mais bela, hoje são sinceros o suficiente para usar filtros e efeitos para responder. Olhar-se nesse reflexo pode (ou não) ser simples. É como se concentrar ao passar batom nos lábios em segundos pelo retrovisor do carro. Firmeza e segurança nas mãos e nos olhos. Autoestima a toda prova.

Em um passado não tão distante, o toque dos dedos construía parágrafos de um tempo em que as letras no papel eram o motivo do movimento dos olhos de leitoras assíduas ao longo dos anos. Folhear revista é como navegar por páginas, visualizações e *likes*. Há mais de trinta anos, re-

vistas femininas – especialmente de moda e comportamento – informam, entretêm e analisam o que o mundo diz. No passado e no presente, captam o espírito do tempo. A tradução dos sentidos, dos desejos e das frustrações do público.

Fazendo o diálogo entre imagem e texto, o jornalismo feminino era datilografado por unhas manicuradas e feito à base de uma feminilidade pautada na vida doméstica. O cuidado com os filhos, a preocupação com o lar e com os caminhos que o destino poderia levar às mulheres em um futuro próximo. À luz da cabeceira da cama, a vida foi motivo de leitura antes de dormir, de conversas no salão e nos ateliês de costura. A palavra que circula carrega, e transforma, o sentido de quem a detém. Astúcias da língua e, mais ainda, de quem as percebe.

De tudo o que a beleza define na sua configuração social, na importância que tem para uns e no desprezo para outros, Carmen da Silva é a porta-voz de um tempo cujas ideias ainda ressoam hoje. Abrindo e respondendo cartas de leitoras, a colunista veterana desfiava sentimentos, ações e angústias dos olhos que a leram por mais de vinte anos. Foram textos que sinalizaram o íntimo e o secreto, as fendas e as emendas da existência feminina. A protagonista de seu tempo roteirizou uma carreira nas entrelinhas das emoções e explorou a alma da mulher parágrafo a parágrafo. Nesse diálogo, a autoestima emerge de um lugar (quase) insólito e coloca a beleza em xeque. Da base do tom próximo à pele, a maquiagem dos textos destaca o brilho cintilante dos sentimentos e corrige o necessário no disfarce das imperfeições. As mãos à máquina também apli-

cam batom nos lábios.

"Pensamos na malograda Marilyn Monroe, solitária, desesperada, achando que já não valia a pena viver. Pensamos na eterna insatisfação de Brigitte Bardot, em sua tentativa de suicídio, em seus medos e angústias que já se tornaram lugar-comum do jornalismo. Pensamos em Elizabeth Taylor arrastando de escândalo em escândalo, de hospital em hospital, seus filhos de paternidade sortida, emergindo de um romance para cair numa operação, saindo de uma doença para cair num novo e desastrado caso amoroso. Que acontece com essa vênus moderna, que estranha maldição pesa sobre elas?"¹, pergunta-se a colunista em "A arte de não ser bela", texto publicado na revista *Claudia* na década de 1960.

A alma desnuda em seu estado original. Por estas linhas, entendemos como a beleza também carrega a cruz dos problemas. Divas foram colocadas no divã. Despindo-as da aura hollywoodiana que a mídia as reveste, Carmen da Silva prenuncia a essência da mulher que pode se libertar das amarras sociais, dos preconceitos e das convenções de moda e beleza. O demaquilante de valores pré-concebidos. A resposta certa nos lábios.

Se as aparências ditavam regras no universo da moda, a colunista veterana já tentava desatar alguns nós de sua época. Libertando a feminilidade de uma camisa de força, a sedução feminina é questionada. "Em que consiste ser sedutora? Não é, por certo, uma questão de atitudes ou

1 SILVA, Carmen da. "A arte de não ser bela". In: O melhor de Carmen da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

elementos externos. O que outorga sedução a uma mulher é o 'estado de amor', uma condição íntima de total receptividade afetiva.

É possível amar verdadeiramente alguém quando não se ama a humanidade inteira? E, reciprocamente, é possível amar a humanidade em geral quando se está animado de má vontade contra seus componentes mais próximos? O amor é como um vasto rio que, sem abandonar seu leito, vivifica a terra a suas margens. Dotada de capacidade de amar, a pessoa irradia calor vital, um clima estimulante e acolhedor que chama a simpatia, a amizade, o carinho, a dedicação alheia"². A radiografia da feminilidade, segundo Carmen da Silva.

Pioneira de um tempo em que empoderamento poderia ser uma palavra estranha, mais ainda se associada ao feminino, a colunista tracejou linhas de força e de luz nas páginas escritas na carreira. Pavimentou caminhos para a mulher, fez coro com o feminismo de sua época, aconselhou olhares e defendeu pontos de vista. "A alma é reeducável, ainda mais do que o corpo", afirmou convicta. Carmen da Silva deixou um legado para o jornalismo feminino de ontem e hoje. A força da palavra escrita com coragem e delicadeza. O espelho da alma riscado por letras de batom.

² Ibidem.



Crônicas
selecionadas

Pelo olho mágico

Rogério de Lima Crizel

Foi no dia 7 de março de 2022 que tudo começou. Naquela segunda-feira, Maria do Carmo acordou de sonhos tranquilos e ouviu o mundo desabando no corredor do seu prédio. A primeira coisa que pensou foi: estamos sendo atacados! Mergulhada na penumbra do quarto, só conseguiu calçar um dos chinelos e, depois de tropeçar na cama, correu ainda meio sonolenta para o olho mágico da porta. Ficou surpresa ao constatar que estava acontecendo uma discussão colossal entre o casal do 506. A loira acusava o marido de infidelidade. Ele implorava perdão. Viu o exato momento em que o homem saiu com os olhos marejados, carregando uma imensa mala. De braços cruzados, na porta, e limpando os olhos azuis com um lenço de papel, a vizinha assistia à saída do ex-marido.

Maria do Carmo desviou o olhar do corredor e olhou para seu grande relógio cuco, na parede da sala. Oito horas! Já estava mesmo na hora de tomar o cafezinho rotineiro e correr para o ponto do ônibus, porque pegava o serviço às

nove. Naquele dia, passou o tempo todo pensando na briga dos vizinhos. Bem que ela podia ter um marido. Invejou a vizinha e lamentou não ser mais tão jovem assim. Trabalhava como secretária em uma clínica oncológica, e já estava cansada de explicar todo santo dia aos velhinhos que iam lá marcar consulta para fazer exame de próstata que ali não era urologista.

– Não. A doutora trata todo e qualquer tipo de câncer, menos esse. O senhor tem que consultar com um urologista.

– Mas por que a doutora não pode me atender?

Às vezes sentia vontade de passar a mão sobre a mesa e atirar longe os cliques, o computador, o telefone, a agenda, as fichas dos pacientes, e sair andando bem bela sem olhar para trás. Entretanto, sabia que não podia fazer isso. Desde que a mãe morrera, ela tinha de arcar com todas as despesas, sozinha. Aliás, nunca se sentira tão sozinha como agora. Lamentava profundamente ter vivido a vida inteira com os pais. Não saía de casa, não tinha amigas, nunca teve um namorado, apenas namoros passageiros e amigas de estação. Quando ia sair da casa dos pais, o pai adoeceu. Depois que o pai morreu, ficou mais um tempo morando com a mãe para cuidar da pobre viúva. Quando abriu os olhos, a mocidade havia passado, os fios de cabelo branco haviam chegado, e todas as amigas e primas estavam casadas. Não tinha mais ninguém para sair ou conversar. Sentia-se incompleta. Queria ter alguém – uma companhia masculina. Mas, aos 50 anos, virar a namoradina de alguém? Ria da audácia daqueles pensamentos juvenis.

Naquele fim de tarde, após o expediente, estava passando

em frente a um sebo, quando avistou, na vitrine, um livro cujo título lhe chamou a atenção: *Histórias híbridas de uma senhora de respeito*, de Carmen da Silva. A locução adjetiva “senhora de respeito” lhe parecera muito simpática e, como ela também se considerava uma senhora respeitável, entrou no local e comprou o exemplar.

À noite, começou a ler o livro da “mulheróloga” na esperança de que fosse um manual que ensinasse a uma senhora como ela a conquistar um bom marido. Ledo engano! A autora relatava histórias pessoais e defendia direitos igualitários às mulheres. Que absurdo era aquilo? Estava quase arrependida de ter comprado aquele livro, e ficou corada quando leu, na página 91, a autora argumentando que “família que trepa unida permanece unida”. Céus! Como aquela mulher tinha coragem de escrever essas coisas? Seja como for, a verdade é que não conseguia largar o livro. Lia dentro do ônibus, nas horas vagas no trabalho e antes de dormir. Contrariada ou não, Maria do Carmo estava viciada nas palavras de Carmen da Silva.

Uma semana depois da separação dos vizinhos do 506, Maria do Carmo pensou em fazer o papel de caridosa. Coitada da vizinha! Devia estar arrasada por ter perdido o marido. À noite, preparou alguns *cupcakes* e ia fazer uma visita à recém-separada. Talvez ela quisesse desabafar com alguém. Já estava com a porta aberta quando viu a loira sair bem maquiada, num vestido vermelho justíssimo. Ficou chocada. E mais chocada ainda quando, pelo olho mágico, alguns dias depois, descobriu que a vizinha aparecia a cada semana na companhia de um *crush* diferente. Que coisa hor-

rível! Parecia que a vizinha tinha virado uma “mulher da vida”. Sorriu ao se lembrar de ter lido Carmen da Silva criticar essa expressão. Por que “mulher da vida”? Por acaso havia alguma “mulher da morte”?

A vida seguiu seu fluxo natural e o destino providenciou um encontro matutino entre Maria do Carmo e a vizinha festeira. A loira sorriu, animada, ao ver o volume de Carmen da Silva nas mãos da outra mulher.

– Puxa vida! Não sabia que você também era feminista – disse a vizinha do 506.

Feminista? De onde ela tirou isso?

– Pois é.

Foi a única coisa que conseguiu dizer na hora.

– Eu adoro aquela passagem que afirma: “a bruxa é a mulher que se pertence e se mantém inteira” – prosseguiu a loira. – Assim como Carmen da Silva, eu também assumi a minha historicidade. Hoje em dia, minha querida, as mulheres podem tudo. Fazemos o que queremos, não fazemos o que não quisermos fazer, estamos onde quisermos estar, e tá tudo bem. Se os homens podem, nós também podemos. Que coisa mais estúpida essa teoria descabida de sexo frágil.

Maria do Carmo estava mais estática que uma estátua.

– Posso ser franca com você? – continuou a vizinha. – Não vá me odiar por causa disso, tá bem? Eu acho que você precisa trepar. Acorda pra vida, mulher! Sai de casa, prova a noite, viva a vida intensamente. A vida tá passando a toda velocidade bem diante do seu nariz e, quando você acordar desse seu sonho de Princesa Aurora, vai perceber que perdeu todas as suas chances de felicidade socada dentro

de casa, comendo pipoca e vendo TV.

Quem era aquela mulher? Alguma psicóloga de botequim ou o próprio demo? O lado triste da história é que a vizinha tinha conseguido ler a droga da sua vidinha sem graça estampada naquela sua cara pálida. Maria do Carmo tentou se justificar:

– Meu tempo já passou. Não sou jovem e linda como você. Já cheguei aos 50!

– Grande coisa! Você tá viva e inteiraça. Isso é o que importa – rebateu a loira.

– Eu trabalho o dia inteiro. Não vou conseguir dançar a noite toda. Me sinto muito cansada – lamentou Maria do Carmo.

– Eu também trabalho o dia inteiro. Sou professora de inglês, tô terminando meu doutorado, mas sempre reservo um tempo pra me divertir – declarou a vizinha do 506.

Quando Maria do Carmo descobriu que a vizinha trabalhava o dia inteiro, estava escrevendo uma tese de doutorado e ainda tinha tempo para se divertir, se sentiu um fracasso completo. Foi então que se lembrou de uma das frases ditas pela loira. “Se os homens podem, nós também podemos”. E tratou de parafraseá-la: “Se ela pode, eu também posso”.

Naquela noite cálida, Maria do Carmo incorporou Marcel Proust e foi em busca do tempo perdido. Colocou seu vestido mais ousado, maquiou-se como nunca e chamou um táxi. A noite ia conhecer mais uma de suas discípulas. Afinal de contas, nunca é tarde demais para ser feliz.

Um dia de gees

Silvana Pacheco Lemos

...eu estava percorrendo o Instagram, motivada pela participação em uma oficina de literatura, procurava alguma página que me agregasse mais conteúdo sobre a literatura brasileira. Eu, mulher, 55 anos, após uma longa jornada de vida, de profissão, agora aposentada. Cá me encontro explorando mais a leitura que me foi tão desviada para que pudesse cumprir com tantos papéis. Trabalhadora competente, mãe, esposa dedicada, filha, cuidadora. Mas tudo isso para dizer que me deleitei no encontro com Carmen da Silva, mesmo que de início apenas com o nome, que seria o tema do concurso. Então me perguntei, quem é Carmen da Silva?

Não, eu não a conhecia, não conhecia suas obras, ainda tenho muito a conhecer, mas logo me deparei com o tom de sua importância na literatura. E logo ao descobri-la fiquei pensando: como isso me aconteceu? Como não a descobri antes? Eu que militei pelos ideais de igualdade de gênero. Foi um encontro com certa nostalgia, a própria imagem, nas

fotos dessa mulher, de uma época em que eu, criança, escutava as falas preconceituosas sobre as mulheres que trabalhavam fora, mulheres de comportamento duvidoso, segundo as próprias mulheres que se submetiam ao patriarcado e que sofreriam mais tarde as consequências dessa relação. Ao me debruçar na história de Carmen da Silva, percebi que essa Mulher fazia muito mais do que sair de casa e ter uma profissão. Ela comunicava ao público e a sociedade em geral, as questões de gênero que deveriam ser vistas. E ela se expôs, expôs as ideias, a força e a necessidade de as mulheres serem reconhecidas em sua gloriosa humanidade. Essa que iria muito além do que se esperava do comportamento feminino. Ou seja, a mulher cuidadora, de fala baixa, a boazinha. Como Carmen mesma citou num de seus artigos, referindo-se aos homens da classe dominante que tinham (e ainda têm) em suas mãos a definição do que seria a mulher ideal, “...mulher é dócil, passiva, generosa, abnegada, só se realiza através de dedicação aos outros... Fora desse modelo, ela não é feminina e pagará por tal “deficiência um alto preço social e privado” (*Mulherio*, 1981). Ainda presenciemos tal conceito sobre nós mulheres, porém graças à coragem de mulheres como Carmen, nós já nos reconhecemos com maior força, como um despertar para outras possibilidades. Diante disso me deparei com a seguinte reflexão: em qual momento despertaria em mim esse desejo de ruptura com padrões estereotipados do que deveria ser o comportamento feminino? Então me vieram à memória cenas na casa da minha tia materna, minha madrinha, professora e a primeira mulher na família que foi para a universidade. E foi lá com

ela, do outro lado da rua da minha casa, que conheci o mundo letrado, dos livros, das revistas que assinava e, entre elas, a revista *Claudia*. Ela partiu cedo demais e a julgar pelo seu comportamento, pensei que talvez ela tivesse lido os artigos de Carmen. Minha tia, mulher livre, independente, estudada, usava decote, ria alto e conversava sobre qualquer assunto, os homens a escutavam. Então, como voltando no tempo, conhecer Carmen me trouxe memórias afetivas muito especiais, bem como desconfiança de que talvez indiretamente ela tenha influenciado meu comportamento, meus valores. E ainda me dei conta de que desejamos tanto desbravar mundos distantes e deixamos de celebrar o que está tão próximo de nós. Deixar de conhecer a história de uma mulher, daqui do Sul, que percorreu caminhos desbravando novos horizontes para as gerações seguintes. Hoje eu me curvo e honro a história dessa mulher.



CARMEN DA SILVA, AUTOGRAFANDO SEU
LIVRO "A ARTE DE SER MULHER" - 1966

O legado de Carmen

David Ehrlich

Nasci sob os melhores auspícios, filha legítima de boa família. Como costuma acontecer nos lares onde há comida abundante e papai médico, saí gordinha, sadia, com um par de bochechas rosadas que exerciam absoluto fascínio sobre as ternas comadres da vizinhança. Só me livreí dos beliscões e dos benza-a-Deus quando aprendi a botar a língua para escandalizar e afugentar as comadres.

Carmen da Silva

Quem se interessa minimamente pela literatura e pelo jornalismo gaúchos provavelmente já ouviu falar de Carmen da Silva. Especialmente em sua cidade natal, Rio Grande, seu nome é evocado em diversas homenagens e reconhecimentos importantes. Sua obra literária talvez exija certo trabalho para ser encontrada e lida; sua produção jornalística, porém, é bastante conhecida em todas as partes

do Brasil, principalmente por mulheres: afinal, foi ela quem assinou a coluna “A arte de ser mulher” da revista feminina *Claudia*, tornando-se a primeira mulher articulista da publicação.

Antes mesmo de assinar a seção que a tornaria conhecida nacionalmente, Carmen já havia percorrido um longo caminho. Nascida em 31 de dezembro de 1919, desde sua adolescência na década de 1930, começou a romper com a lógica social gaúcha da época, especialmente no que dizia respeito à sua condição como mulher, constituindo-se aos poucos em precursora do feminismo no Brasil. Ao longo das décadas seguintes, viveu no Uruguai e na Argentina, começou a atuar como jornalista e psicanalista, e escreveu em espanhol seu primeiro romance, o premiado *Setiembre* (1957), que 16 anos mais tarde ela própria traduziria para o português.

Foi nos anos 60, porém, que ela iniciou o que viria ser seu maior legado, ao tornar-se uma das principais responsáveis por colocar o feminismo em pauta na imprensa brasileira: em 1963, enviou uma carta à redação da revista *Claudia*, lançada havia apenas dois anos, dizendo que suas leitoras, em sua maioria jovens donas-de-casa, estavam “explodindo de angústia e frustração”, e colocando-se à disposição para incentivar as mulheres a serem “protagonistas da própria vida”.

Assim nasceu a coluna “A arte de ser mulher”, que Carmen manteve por 22 anos, entre 1963 e 1985. Era o momento em que surgiam no Brasil as primeiras discussões sobre a condição da mulher, que mais tarde levariam à formação do movimento feminista brasileiro. A atuação da escritora na

Claudia representou importante mudança na forma como o papel da mulher na sociedade passou a ser analisado: em textos mensais, por vezes bastante complexos. Carmen utilizou o espaço que lhe era dado para escrever sobre como era necessário às mulheres tornarem-se donas de seus destinos e lutarem por sua independência e identidade. Com isso, abordou diversos assuntos então considerados no mínimo polêmicos, quando não verdadeiros tabus: machismo, infidelidade, sexo, orgasmo, aborto... Carmen da Silva era uma pensadora progressista, precursora em uma abordagem crítica desses temas que, muitas vezes, contradizia o discurso da revista *Claudia*, que, ao contrário de sua colunista, não tinha caráter feminista.

A principal inspiração para os textos de Carmen vinha das cartas que recebia de leitoras. Eram centenas de cartas por mês, e a autora lia todas, cada relato fazendo-a não apenas compreender melhor os problemas que a emancipação feminina enfrentava no país, mas também pensar de forma mais madura sobre sua própria condição como mulher. Foram duas décadas nas quais seu texto gradativamente evoluiu, na mesma medida em que a vida e o comportamento das mulheres na sociedade brasileira também evoluíam.

Assim como a editora Rose Marie Muraro e a socióloga Heleieth Saffioti, Carmen da Silva foi um importante marco na formação de uma intelectualidade feminista no Brasil, estabelecendo bases sociais, filosóficas e políticas para a luta por direitos iguais entre homens e mulheres. Quando faleceu na cidade fluminense de Volta Redonda em 29 de

abril de 1985, com apenas 65 anos de idade, a escritora Marina Colasanti fez-lhe uma homenagem: “Carmen da Silva morre muito jovem para todos nós. Pra onde quer que ela esteja indo, o pessoal de lá que se cuide, porque ela vai balançar o coreto”.

Não só o feminismo brasileiro, mas também o próprio jornalismo deve muito ao trabalho dessa escritora gaúcha, que, de forma semelhante a outras jornalistas, entre elas Ana Arruda Callado e Miriam Leitão, personificou mudanças na profissão jornalística do país, a qual, a partir do final do século 20, levaria a uma notável feminilização. Essas mulheres começaram a atuar no jornalismo em um momento em que as universidades brasileiras estavam desenvolvendo seus cursos de graduação e pós-graduação, em muito inspirados por elas, atraindo mais mulheres para um espaço onde elas poderiam se consagrar.

Sem Carmen da Silva, certamente não estaria tão consolidada no Brasil nossa imprensa feminina e feminista, que luta pela igualdade de direitos. Se atualmente podemos observar um grande número de revistas impressas e *online* voltadas para o público feminino, elas resultam em práticas de leitura e relações bastante particulares das mulheres com os veículos que leem, e isso deve-se muito ao legado de Carmen.

Não é à toa que seu papel na história do pensamento feminista nacional tem sido cada vez mais estudado em anos recentes, seja na academia ou fora dela. A obra de Carmen da Silva trouxe muitas mudanças em nossa sociedade e cultura contemporâneas; seus artigos, livros e até entrevistas são analisados por uma ampla variedade de

leitores. Cada vez mais, torna-se difícil falar sobre a imprensa feminista no Brasil sem mencionar a coluna “A arte de ser mulher” e o quanto ela contribuiu para que o movimento feminista brasileiro se organizasse e publicasse suas ideias. Ao ler seus textos, temos diante de nós não apenas uma autora nacional comprometida com as questões femininas, mas uma pioneira na publicação e divulgação dessas mesmas questões.

O delicioso sabor da maturidade plena

Ana Lucia Milano

Aposentei-me. Com a euforia da espera por este momento, não percebi já ter concluído mais da metade da vida, eufemismo para dizer que estou envelhecendo. A câmera potente do último *smartphone* me lembra a toda hora o novo *status*, mostrando cada sulco dos meus 58 anos. Disfarço: maquiagem, um filtro aqui, outro ali, mas o bom e velho espelho não mente. “A desgraça é que minha visão corporal interna vem envelhecendo bem mais devagar que a imagem real”¹. Desgraça? Nada disso! É essa positiva desigualdade entre as maneiras de me enxergar que faz com que a minha estreia neste novo período da existência se traduza em urgência de viver.

A aposentadoria me devolveu o tempo roubado pelos compromissos impostos pelo mercado de trabalho. Retomei

1 SILVA, Carmen da. **Histórias híbridas de uma senhora de respeito**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 2ª ed., 1985, p. 174.

velhos prazeres, como a leitura e a pesquisa, por meio dos quais entendo com mais clareza o novo momento que vivencio. Foi numa dessas tentativas de compreender esta nova fase que conheci o termo inglês *ageless*, literalmente, “sem idade”, com o qual logo me identifiquei. São pessoas que, assim como eu, não querem ser definidas pelo tempo de vida, porque o tempo delas é agora. Inquietas, ousadas e desassossegadas, são movidas pela curiosidade e pelo intenso desejo de aprender e recomeçar sempre que preciso.

Por muito tempo, a linearidade cronológica foi um fator delimitante dos papéis a serem desempenhados em cada faixa etária. O aumento da expectativa de vida, decorrente da tecnologia aplicada à saúde e do desenvolvimento da cosmetologia, bem como a facilidade de acesso à informação diluíram as fronteiras entre juventude e velhice, o que contribuiu para o surgimento destes “novos velhos”, com os quais dialogo com prazer. Como eles, não quero ter a vida ditada por cronômetros imaginários que me podam aqui, ou ali, pois “Com os olhos do meu espírito, [...] ainda me vejo com trinta e cinco, trinta e oito anos, segura de uma recém-amadurecida plenitude”². Ciente da minha idade, ser fisicamente jovem não é, para mim, o mais importante. Embora adepta aos modernos recursos favoráveis à beleza, minha prioridade é a manutenção de uma rotina saudável, com liberdade para ser quem eu quiser. Não é uma tarefa fácil. É preciso driblar com paciên-

2 Ibidem.

cia e bom humor os conselheiros de plantão. “A etiqueta do ridículo é a mais drástica esclerose que a velhice acarreta. ‘O inferno são os os outros’: é nos olhos deles que a gente vê refletidos, com precisão matemática e perversa, os estragos crepusculares”³. A maturidade ensina que a melhor opinião sobre nós mesmos é a nossa e a aprovação dos outros deixa de ser necessária. Redirecionar o foco para si mesmo é uma atitude dessa geração “sem idade”, cheia de vontade de viver, de transgredir os limites impostos pelo tempo e de assumir riscos. Se eu fosse me importar com os outros, certamente seria uma pessoa frustrada, sem algumas das estreias que me permiti há dois anos: o saxofone e a corrida. Não aspiro a ser um Kenny G. ou um Usain Bolt, mas a ser eu mesma, uma mulher saxofonista sem medo de começos ou recomeços, uma corredora que participará de sua primeira maratona prestes a entrar na sexagésima década de sua existência.

As amizades também se ressignificaram nestes novos tempos. Ainda guardamos aquelas antigas, que ocupam um lugar especial em nosso coração, mas a maioria são mantidas, apenas enquanto há interesses comuns, capazes de elevar nossa autoestima e bem-estar. Tenho amigas da zumba, da corrida, do pedal, da dieta e da aula de ritmos. São relacionamentos divertidos que dão à vida um sabor especial. A visão estereotipada de que “a terceira idade nivela mentalidades e temperamentos e qualquer velhota se entende bem com outra velhota, tudo é farinha do mesmo

3 Idem, p. 176.

saco”⁴ é quebrada por essa nova geração, que encara a vida como um contínuo aprendizado e entende a aquisição de novos conhecimentos como evolução. Não consigo me imaginar convivendo com alguém, da minha idade ou não, que não tenha vontade de abrir um livro, que seja sedentária ou desconheça o valor de uma alimentação saudável, que não seja adepta à tecnologia e, pior, se lamente de dores reais ou imaginárias o tempo todo. A essas pessoas, peço desculpas. Estou fora!

Desta forma, sigo plena, aposentada de meu trabalho, mas não de mim. Cheia de planos, não penso no amanhã, nem me lamento pelo ontem. Vaidosa, confesso que a aparência às vezes me incomoda, mas não hesito em buscar ajuda às maravilhas que a medicina moderna oferece. O que importa é me sentir bem e confiante, livre de tabus ou preconceitos que possam tolher minhas novas descobertas. “Quanto ao mais, ainda não penso pendurar as chuteiras: mantenho-a calçada para as bolas que derem e vierem ou mesmo as que tiver de ir disputar no meio do campo – quem me garante que o mais belo gol de minha carreira ainda não está por ser feito?”⁵

4 Idem, p. 173.

5 Idem, p. 189.



CARMEN DA SILVA EM 1975

*Carmen da Silva. Décadas depois.
Mulheres periféricas. Vida que segue...*

Jania Maria dos Santos Nazareth

*Quanto a habilidades domésticas, levo nota zero:
não gosto, não sei e me recuso a aprender.*

Carmen da Silva

Junho gelado. O único entretenimento de família no extremo da zona sul de São Paulo nessa época do ano é a festa junina da escola. O bairro, último quarteirão entre São Paulo e Itapeverica da Serra, não tem clubes, teatros, museus, cinemas, parques, bibliotecas, áreas de lazer, não tem nada. A escola é a única ponte de cultura entre a comunidade.

Em um prédio mal projetado de três andares que comportam em dois períodos 430 crianças, centenas de

peessoas mal conseguem circular pelos seus corredores se escondendo da garoa fina que cai lá fora.

Eu, professora de educação infantil, para a comunidade sou a tia e nada mais, cumpro o meu segundo revezamento agora na barraca de cachorro-quente, uma das mais procuradas da festa. Acaba a salsicha, desço dois andares me espremendo entre as pessoas que não querem dar licença dos únicos cantos que possuem para pegar a panela quente:

- Me dá um pano de prato fazendo o favor, vou queimar minha mão... – Minha voz gastada por décadas de magistério não se faz ouvir, pelo menos é o que eu quero acreditar, mas nos meus 45 anos de mulher sei que não devemos pedir o pano de prato e sim tê-lo em nosso ombro, é quase como uma obrigação, por que pede um pano de prato? Você é quem deve providenciá-lo, mulher!

Procuro um pano, qualquer coisa que sirva de proteção em meio ao caos da cozinha que durante os dias de aula é a perfeição da arrumação e limpeza, pilotada por mulheres que trabalham muito e ganham pouco. Só acho pedaços de papel, vai esse mesmo! Tento driblar a passagem com uma panela pesada fumegante em meus pequenos braços de mulher pequena que já demonstra os primeiros sinais de bursite.

Acaba o pão, o mesmo processo.

Acaba o molho.

Eu na beira da exaustão do final de um semestre, no qual me matei com o preenchimento de relatórios, aulas, ensaios das crianças para a dança, recolhimento de dinheiro e entrega de fotos, reuniões, arrumação da festa e enfeites,

olho para o chão e começo a achá-lo confortável para deitar.

Alguém se propõe a buscar, esse alguém não chega.

Uma senhora com idade de ser quase minha mãe volta pela segunda vez perguntando pelo cachorro-quente. Educadamente com a minha postura de segunda profissão (professora no Brasil precisa de uma segunda profissão, caso contrário a conta não fecha) de vendedora aviso que o molho " já " vai chegar.

- Antes era o pão, agora é o molho!?! - A senhora com o rosto calejado pela vida deseja descarregar sua fúria de mulher escrava em alguém. Vejo-a rodar a sala lotada com gente e barraca e retornar ao mesmo lugar:

- E agora tem ?

- Já vai chegar, senhora – O meu cansaço faz cair todas as técnicas de boa vendedora.

- Você é dona de casa e não sabe que cachorro-quente precisa de molho ?

Poderia falar para a senhora que deve ter passado tudo na vida (sua fala revoltada mostra isso) que não sou dona de casa, sou professora com graduação, pós-graduação, currículo extenso e concursada para isso, mas não tenho vontade. Permaneço em pé, imóvel, olhando para ela. Talvez ela tenha visto minha feição de desolação ou esperasse que eu falasse algo para brigar. No meu silêncio olha para o lado onde está uma mulher mais nova, como a procurar apoio, repete o mesmo que já havia falado de forma debochada:

- Ela é dona de casa e não sabe que cachorro-quente precisa de molho! - Mas com o barulho a mulher não enten-

de nada.

Não lembro se ela foi embora, não lembro quando chegou o molho. Só pensei que hora era a hora do final da festa.

Toda mulher é carimbada automaticamente como dona de casa.

Ela pode ter mestrado, doutorado, profissão, ser supervisora, diretora, etc. A sociedade exigente da mulher trabalhadora ao mesmo tempo acha obrigatório que ela cumpra o segundo turno de dona de casa, e muitas vezes essa exigência é da própria mulher, artifício perfeito para os homens que querem tirar de suas costas o emblema de machistas:

- São as próprias mulheres que falam isso! - é o que eles mais gostam de repetir.

- A culpa é de vocês!

Nunca tinha ouvido falar ou lido sobre Carmen da Silva. Pesquisando no Google aparece o nome da saudosa cantora Carmem Silva, mulher preta que foi destinada em sua época para cantar samba. Afinal samba era a música dos pretos. Não, ela queria cantar músicas românticas! Muita audácia para uma mulher preta e pobre no início dos anos 70. O que seria de nós hoje se não fossem as audaciosas do passado?

Não encontrando leitura suficiente para conhecer a Carmen da Silva escritora, leio a dissertação de Kelley Batista e no início do capítulo me deparo na citação com a audácia também da autora sobre não querer nem aprender a ser prendada. Seu nascimento de certa forma abastado dava a ela uma vantagem de poder pagar quem realizasse as prendas das que ela se recusava a aprender, mas ainda

assim escrever sobre isso nessa época seria sinônimo de preguiça, algo com que parecia ela não se importar. É, pode ser por isso que não respondi à senhora que pedia molho. Não sou dona de casa e não preciso me explicar a respeito disso.

Como?

Paulo Roberto de Oliveira Caruso

Não conheci a rio-grandina Carmen da Silva, apesar de eu ser carioca e ela ter vivido bons momentos revolucionários no centro da minha cidade natal, como fez em 1983, em plena época da ditadura militar. Isso porque nasci em 1975, e ela, nascida em 1919, tinha idade para ser minha avó, ou mesmo bisavó. Carmen faleceu em 1985 na belíssima Volta Redonda, cá no sul do estado do Rio de Janeiro. Todavia, dá para imaginar quão orgulhosa ela estaria acerca dos movimentos feministas que pipocam hoje em dia em diversas regiões do Brasil e do mundo mais atento a tal causa.

“O feminismo não é um movimento de reivindicação, como uma greve. É uma revolução humanista, uma proposta de reviravolta nas relações humanas. E não se pode esperar grandes resultados a curto prazo”. São palavras da escritora, as quais não são difíceis de compreender, mesmo passados quase 40 anos de sua morte. Afinal de contas,

até os dias hodiernos são calorosos os debates que envolvem tal questão, estando o caso Marielle Franco aí para comprovar. Isso porque até hoje densas nuvens pairam sobre o duplo homicídio ocorrido a 14 de março de 2018, quando o veículo em que ela estava foi fuzilado; o motorista Anderson Pedro Mathias Gomes também foi executado na ocasião.

Como a escritora reagiria no caso acima? Estaria à frente dos protestos como uma autêntica Joana d'Arc tupiniquim, por certo! Justamente como em 1968 fizeram as saudosas Eva Wilma, Eva Todor, Tônia Carrero, Leila Diniz, Odete Lara e Norma Bengell, a querida Carmen estaria de mãos dadas a outras damas da nossa sociedade! Fariam juntas um cinturão humano de esperança e solidariedade, como aquele “Contra a censura, pela cultura”.

E o que dizer sobre os inúmeros casos de feminicídio e tentativas que povoam os noticiários de jornalismo investigativo nas tardes da televisão aberta, fazendo de José Luiz Datena, Sikera Júnior e Luiz Bacci os grandes protagonistas do aludido horário? Sinceramente, eu como homem adulto que sou, não somente jamais imaginei a hipótese de erguer a mão contra o rosto da minha amada esposa, mas também nunca compreendi como um homem é capaz de agredir sua companheira ou até mesmo assassiná-la friamente em vez de simplesmente seguir com a própria vida em busca da felicidade. Nesse caso particularmente podemos imaginar a escritora tentando enrolar ainda mais as suas já onduladas mechas castanhas que começariam a se arrepiar!

Pois justamente neste momento desta pretensa crônica eu

me lembro de um pensamento da escritora gaúcha: “Em vez de civilizar os selvagens, por que não selvaticizar os civilizados?”. Admito, prezado(a) leitor(a), que tal questionamento me deu um nó no cérebro, um nó parecido com as ondas que ela usava nos seus fartos cabelos durante parte dos anos 60... Ok, admito que sou filho de ex-cabeleireira, motivo pelo qual as fotos das mechas da gaúcha me chamam tanto a atenção... Entretanto, voltando à frase citada, digo-lhe que, se ela quis trazer o tradicional senso de pureza com que escritores anteriores a nós dois viam nossos nativos, entendo perfeitamente o que a rio-grandina, que poderia ter sido minha avozinha, quis dizer. E concordo. Não podemos perder a nossa ternura, a nossa pureza, principalmente num mundo tão poluído por crimes como os destes dias! Bem, isso me lembra a frase de Ernesto Che Guevara “Há que endurecer, mas sem perder a ternura”.

Outra fala que ilustra bem o tema: “Todas as mulheres devem apoiar o novo projeto de Estatuto da Mulher Casada, de autoria das advogadas Sílvia Pimentel e Floriza Verucci. Sua grande importância é dar um sentido de igualdade aos papéis do homem e da mulher na família.” Ainda hoje lidamos tristemente com a diferença salarial entre os sexos, mesmo se tivermos um homem e uma mulher no mesmo cargo e nas mesmas condições gerais. E lidamos também com a (ao menos) tripla jornada de trabalho feminina, já que à mulher cabe historicamente cuidar da família, cuidar da casa e trabalhar. Cabe lembrar aqui, aliás, o machismo que não somente permeia a mente de muitos homens como também a de muitas mulheres que pensam

que o lugar de suas filhas é dentro de casa, cuidando de tudo. Sim, diversas mulheres ainda pensam desse jeito... Por falar justamente no conteúdo acima, deve ser citado aqui que o companheiro que, ao realizar qualquer tarefa doméstica ou cuidar dos filhos, diz as palavras mágicas “estou lhe ajudando”, apenas corrobora o machismo estrutural ainda bem vivo na sociedade brasileira e mundial. Aliás, aqui posso citar minha experiência de desconstrução desse sentimento em mim mesmo; estou prestes a completar onze anos de casado e já parei de dizer que ajudo a “patroa” em casa. E digo desconstrução simplesmente porque penso que o dever de cuidar do lar e dos rebentos cabe a cada membro do casal, não somente à mulher. Logo, o que se deve dizer é algo que usamos muito no Direito Empresarial: trata-se de responsabilidade solidária, não de subsidiária.



CARMEN DA SILVA NA
PRAIA EM NITERÓI

Passos seguros

Adilson Roberto Gonçalves

A inspiração para o relato inusitado veio após um não encontro. Um dia de sol já nascido por trás de prédios baixos, em ambiente urbano que ainda carregava certa urbanidade. Atravessando a rua quase esbarrei com aquela senhora com passos certos e seguros em direção contrária. Ela havia saído do prédio em que eu pretendia entrar, mas ao reparar naquele olhar por trás dos óculos revelou-me a memória que era ela quem eu iria procurar na sede do jornal.

Parei no meio-fio sem saber se voltava para chamá-la ou se tentava passar à frente para me apresentar. Seu passo firme fez com que a distância entre nós aumentasse muito mais do que o tempo restante do semáforo que permitia a travessia desses dois pedestres em direções antagônicas. Desisti pelo medo, desconsiderando que este é o oposto do que Carmen já nos havia mostrado e, por isso, estava eu ali com alguma possibilidade de adentrar de vez a redação

de um periódico.

A minha condição de jornalista iniciante em entrevistas pareceu despir-se de todo o conhecimento em formação, não subvertendo condições impostas, mas resignando-me a elas. Condições que naquela travessia de rua não havia outra pessoa que estivesse colocada, além de mim. Não foi o manifesto de um protesto, como em “quanto a habilidades domésticas, levo nota zero: não gosto, não sei, e me recuso a aprender”. No meu caso, foi a incompetência e a falta de coragem que me impediram de falar com ela, tirar uma palavra para entrevista, um comentário para ilustrar uma matéria jornalística. O que saiu escrito por aqueles dias chegou a ter alguma inspiração daquela rua, daquele momento, já me despertando pelas buzinas de automóveis que anteviam um futuro motorizado incipiente. Quanto perdi!

Restou-me apenas a admiração, para não dizer inveja, palavra ingrata e rancorosa. Admiração pelo que Carmen já havia feito e o que mais aqueles passos seguros que já sumiram de vista ainda estavam por fazer.

O que ela faria?

Rosane Tremea

Sempre penso nas mulheres que nos antecederam.

Minha mãe vem na dianteira. Nasceu no primeiro quarto do século XX. Ainda nem havia direito ao voto feminino, educação não era prioridade para as meninas, as mulheres eram pouco, quase nada. Minha mãe estudou e virou professora. Educou centenas por 14 anos.

Volta e meia aparecia um ex-aluno em casa, para lembrar e agradecer. Mas ela abandonou a profissão logo ao nascimento do primeiro filho, em seguida grávida do segundo, do terceiro... Seis no total. Deixou de ser professora, mas não de ensinar. Sentava todos à volta de uma ponta da mesa, nas noites longas de inverno, e, do outro lado, com uma pilha de roupas para passar com o ferro a brasa, ia “tomando a tabuada”:

– 9x9?

E o coro, de pequenos e grandes, respondia.

Tínhamos de saber todos os Estados e suas respectivas ca-

pitais, preenchendo os pontinhos que ficavam no ar:

– João Pessoa capital de...

E dezenas de outras lições se repetiam, variando conforme a necessidade e o tempo disponível.

Ela não dizia, mas queria que fôssemos alguma coisa que não pôde mais ser. Queria que estudássemos mais do que ela, aprendêssemos mais, conhecêssemos mais... E nós, as meninas, mais ainda.

Ensinou-nos as coisas da casa, é verdade: limpar, cozinhar, bordar... Mas ensinou o mesmo aos meninos. Nunca questionou nossas brincadeiras, na época “pouco femininas”, muito interioranas: banho de rio, carrinho de lomba, futebol misto. Ensinou muito mais ao não dizer.

Ela não dizia, mas morria de orgulho de eu ter entrado na faculdade, de eu morar sozinha, de eu tirar carteira de motorista. Parece pouco, né? Para ela, não era. Para mim, não era.

Mas penso em outras mulheres que nos antecederam. E penso que o que fazemos nunca é suficiente. Ao conhecer um pouco da obra de Carmen da Silva, gaúcha como eu, jornalista como eu, feminista, deparei-me com um artigo intitulado *Abracadabra*. Era a edição número 0 do jornal *Mulherio*, de 1981. Nele, Carmen contava que muitas mulheres que lhe escreviam pedindo conselhos, no espaço que manteve por 21 anos na revista *Claudia*, pareciam esperar por milagres enquanto tentavam fazer alguma coisa. Diz ela no final do texto: “[...] quando uma mulher pergunta – a mim, a sua amiga, a qualquer outra mulher –

‘que é que eu faço’, está reconhecendo a possibilidade, mesmo árdua e remota, de ‘fazer’ algo. Na comunicação solidária entre mulheres e no assumir o próprio destino como um “fazer” reside o milagre: o milagre possível, o milagre nosso”.

Quando penso nas mulheres que nos antecederam e em tudo o que fizeram, penso no tanto que há para fazer.

"Que é que eu faço?" é uma pergunta atual e recorrente 40 anos depois do *Abracadabra* de Carmen da Silva.

"Que é que eu faço" para ajudar a reduzir a violência contra as mulheres que só em 2021 vitimou 1.319 no país?

“Que é que eu faço” para que não ocorram os 56.098 estupros computados neste mesmo ano pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública?

Mulher e jornalista, "o que é que eu faço?"

"O que é que eu faço?"

O que Carmen da Silva faria?

As crônicas de Maglow

Rafael Duarte Caputo

A primeira coisa que vi ao acordar foi a temperatura na tela do celular: menos um grau. Um verdadeiro milagre! Muitos teriam preguiça em sair da cama, mas não eu. Pulei de pronto. Corri para a janela do apartamento em busca de um vislumbre matinal. Lá estava ela: a geada mais do que esperada. Já não era sem tempo! Agora sim, sinto-me totalmente realizado. Tenho sorte em morar no oitavo andar do prédio e em frente a um enorme terreno baldio. A branquidão desta época do ano, enfim, irá preencher meus *stories* nas redes sociais. Chega da *hashtag* #thewinteriscoming. “The Winter” chegou com tudo.

Devo ter algum defeito de fábrica, só pode! Apesar de carioca, amo o frio. Talvez seja por isso que me mudei para Curitiba. Isso já faz algum tempo. Vim com a desculpa de uma oportunidade de trabalho e por aqui fiquei. Entra ano e sai ano, espero ansioso por essa que é, sem dúvida, a melhor das quatro estações.

Alguns acreditam que tudo fica mais chique. Concordo com eles! É hora de vestir a jaqueta de couro, o cachecol, o sobretudo... e sair pelas ruas da cidade cosmopolita atrás de um belo quentão, um *cappuccino* ou um chimarrão. Este último, influência dos primos gaúchos.

Eu, particularmente, confesso que prefiro o frio por um motivo bem diferente. Ele reforça o fato de que estamos, realmente, vivos. É engraçado, eu sei! A verdade é que a sensação térmica negativa me remete a nossos ancestrais; e como professor de Administração, também não posso deixar de associar tal sentimento à famosa Pirâmide de Maslow, teoria motivacional que tenta explicar o comportamento humano.

Na base da pirâmide, por exemplo, estão as nossas necessidades básicas ou fisiológicas. No frio, temos fome várias vezes ao dia. Para que possamos sobreviver, é preciso “caçar” e estocar alimentos. Satisfeita essa vontade, buscamos maior proteção ao passarmos mais tempo dentro de casa, nossa caverna da era moderna – a segunda necessidade a ser suprida.

Subindo mais um nível na chamada “Hierarquia das Necessidades”, nos deparamos – justamente – com a carência latente do ser humano em se socializar. Precisamos aquecer nossos corpos (e nossos corações) com a presença do outro. Seja com nosso companheiro ou companheira, ou ainda com nossos amigos. Em pleno século vinte e um, substituímos o compartilhar da carne de caça em volta da fogueira por uma reunião ao redor da lareira da sala, com um pedaço de pizza na mão e uma taça de vinho na outra. Inclusive, essa é uma ótima ideia para

hoje à noite.

Também é no inverno que percebemos nossa fragilidade como seres humanos e, ao mesmo tempo, podemos nos vangloriar de nossa extrema capacidade de adaptação, responsável por nos trazer até aqui. Quase um paradoxo. Passamos a ser mais solidários: doamos cobertores, nos apresentamos como voluntários para distribuir sopa nas praças etc. De algum jeito, tentamos fazer a diferença em nossa sociedade. Nos importamos com o próximo. Algo me diz que Maslow previu tamanha necessidade como sendo de “estima”, uma das últimas que aparecem em seu diagrama em forma de triângulo.

No topo da pirâmide, por sua vez, a realização pessoal (ou a autorrealização). Para uns, uma utopia – algo impossível de ser alcançado. De acordo com esses pessimistas, nós, seres humanos, seríamos incapazes de nos aquietarmos com a satisfação plena. Quanta bobagem! Eles acham isso porque não viram as minhas últimas postagens. Concordo mais com os pensamentos da falecida Carmem da Silva, uma colega literária que certa vez, em sua coluna na famosa revista *Claudia*, autointitulou-se Nossa Senhora dos Milagres. Maslow estava certo, nunca me senti tão feliz! Isso sim é um milagre de verdade. Abracadabra!

Dias depois, entretanto, entediado com a paisagem vizinha pela janela do apartamento, levemente esbranquiçada, questiono-me: “O que é uma simples geada em comparação à neve de fato?”. A conclusão é inevitável: acho que é hora de mudar novamente. Canadá, aí vou eu!



CARMEN DA SILVA EM SEU
APARTAMENTO EM NITERÓI

Mais Carmens contra o preconceito.

Maria Gabriela Cardoso

As mulheres têm a obstinação heroica: enquanto puderem aferrar algo – um grão de areia, o eco duma promessa, um pedaço de vidro colorido, uma cintilação moribunda – não desistirão. Sob suas epidermes de cetim há um revestimento fibroso, espesso, resistente. Continuarão rindo, pintando os olhos com carvão, tramando, insistindo - guardiãs das lousas, anjos funerários.

Carmen da Silva. Sangue sem dono, 1970.

Faz mais de meio século que habito este mundo. Tenho passado por muitas experiências, algumas positivas, outras nem tanto. Faz parte deste jogo que é a vida, diriam alguns. Sendo a vida um jogo, uns perdem, outros ganham. Sinto-me obrigado a discordar desse pensamento simplista. Decidir quem perde ou quem ganha nunca deveria estar condicionado à sorte. Somos seres pensantes e detemos o livre arbítrio, por essa razão podemos ser artífices do nosso

destino.

Foi-se o tempo do voto a cabresto, da necessidade de reunir as sufragistas para reivindicar o voto feminino; já é lugar-comum a presença das mulheres em muitas atividades antes dominadas pelo sexo masculino. Os salários recebidos por homens e mulheres não diferem em valores e as condições de trabalho são adequadas às necessidades femininas. Atualmente, vivemos o total e inarredável empoderamento feminino, as mulheres são donas dos seus corpos, fazem o que bem entendem e desejam, e não são agredidas nem pagam com a própria vida por suas escolhas.

Oh! Que lindo seria se o parágrafo anterior fosse a realidade. Apesar do avanço intelectual e científico da humanidade, apesar da Declaração Universal dos Direitos Humanos existir há quase um século, apesar da luta constante de órgãos como a ONU pelo fim da violência contra a mulher, apesar de campanhas, passeatas, manifestações, ainda hoje as mulheres são tratadas como objeto de posse. A situação não está pior porque mulheres são lutadoras por essência e nunca abriram a guarda na defesa de seus direitos. Uma das honoráveis representantes desta turma que arregança as mangas e não foge de uma batalha foi Carmen da Silva com sua escrita engajada e apaixonada.

Confesso, meio envergonhado, que desconhecia a obra desta autora que dedicou sua carreira em defesa dos direitos femininos em uma época em que feminismo era assunto tabu – não muito diferente de hoje em dia, reconhe-

ço. Carmen esteve à frente do seu tempo, dando voz às mulheres que viviam caladas em suas masmorras morais impostas por quem sempre as tratou como pessoas de segunda classe. Esta rio-grandina, escritora e psicanalista, me encheu de orgulho quando conheci melhor sua rica história de vida. O legado literário de Carmen fascina pela qualidade e abrangência atemporal, tratando de temas tão caros a quem luta por igualdade e justiça neste mundo ainda hoje tomado por ódio e preconceito.

A epígrafe que encima esta crônica demonstra que, apesar de brava, guerreira e posicionada, Carmen não perdia a candura, exalando poesia em seus textos. Quisera eu ter esta capacidade de me indignar e transformar o meu inconformismo em versos recheados de luta, gritando que outro mundo é possível. Carmen também pegava pesado na pena, lançando petardos de ativismo em páginas de revistas e jornais; como neste trecho em que critica a indiferença com que é tratada a vontade feminina. Também deixa claro, nas linhas a seguir, que ninguém se interessa, verdadeiramente, pelos sonhos, as fantasias, as ambições de uma mulher.

[...] não interessa o que a mulher possa ter na cabeça e sim o que ela tem ou terá no ventre. Pensando melhor, interessa sim, mas é para sufocar. No momento em que a mulher começar a meter o bedelho em campos que os homens reservaram para si, [...] o mundo vira de pernas para o ar [...]. Cada macaco no seu galho, e galho de mulher é rasteiro feito pé de abóbora, que só dá fruto rente ao chão. (SILVA, 1984, p. 64).

Carmen, praticamente sozinha, em um país machista, lutou o bom combate, foi incisiva usando sua coluna em uma revista de circulação nacional, fez o que lhe era possível em tempos trevosos. Transformou o seu espaço na revista *Claudia* no baluarte disseminador de uma visão feminista, inspirando uma nova geração de mulheres e, por que não, de homens que reconheceram que sua força estava na igualdade e não na superioridade. Lamentavelmente, Carmen se foi precocemente, deixando um vazio no coração das brasileiras que perderam uma representante e, principalmente, o eco de suas vozes caladas e aflitas. Ao relembrarmos a trajetória desta brava mulher gaúcha, notamos que pouca coisa mudou neste país continental e tão diversificado de culturas. Hoje a luta se estende aos gêneros além-femininos, apresentando outras plataformas de batalha, sendo as redes sociais os novos meios de difusão de pensamentos.

Se olharmos ao nosso redor, tudo evoluiu a passos largos, de forma visível e atraente aos olhos da humanidade. Infelizmente, constata-se que isso se aplica somente aos bens materiais. Em causas sociais e identitárias continuamos marcando passo, ignorando que a sociedade precisa evoluir para entender que as diferenças não impedem as pessoas de serem iguais em direitos. Ainda hoje os quereres e necessidades reais das mulheres e de outros gêneros são subjugados por uma sociedade que precisa evoluir e tratar de forma igualitária todas as pessoas que aqui habitam. Precisamos cada vez mais dar a palavra, a voz e a vez às mulheres e demais gêneros que lutam calada(o)s contra o machismo e o preconceito de gênero. Com a palavra, as Carmens da Silva do século XXI.

Um café (ou cerveja na mega de um bar)
com Carmen da Silva e outras mulheres

Lilian da Silva Ney

A protagonista de sua própria vida opta, resolve e conquista a partir de si mesma, isto é, conta com um centro de gravidade interno, um eixo em redor do qual giram suas decisões e seus atos.

Carmen da Silva

Sou uma mulher marginalizada. Uma filha de Lilith – expulsa, perseguida, abandonada às profundezas escuras das águas. Na cela ao lado da minha, uma mulher lamenta sua sina, chorosa passa os dias e aos soluços as noites. Quase não fala, como é de se esperar de “uma mulher de respeito” e quando o faz é em um tom quase inaudível. Em frente à minha cela, uma mulher espia com aflição as aventuras que jamais viveu, fecha as cortinas e volta pros seus afazeres domésticos. Quase não sai. Somente acompanhada por um

homem vestindo terno escuro, creio que seja seu marido. Não sei o seu nome, nem mesmo sei se ela tem um nome que seja seu, que seja próprio e não um apêndice pelo qual todos a conhecem. A mulher de fulano. Cansei disso há muito tempo e por isso me jogaram aqui.

Constantemente me desvio do caminho e, talvez por isso, alguns homens me julguem má influência, ora, que se danem. Escuto seus cochichos nos banheiros masculinos, entre uma confissão de traição matrimonial e o desvio de alguma verba, comentários sobre minha audácia. O novo século continua no passado, cultuando as mesmas regras patriarcais e, para piorar, espalha-se com maior rapidez entre as redes sociais, disfarçadas de brincadeiras, minha opinião, liberdade de expressão e memes.

Uma pausa para um café e uma conversa com Carmen da Silva, mulher forte, que ousou transgredir os ditames sociais da sua época. Inspiro-me nela e em outras mulheres que me antecederam. Assumir as rédeas de nossa vida, abrir as portas dos nossos castelos, montar em nosso cavalo e abrimos nós mesmas nosso caminho, afinal, quem decide nossas vidas? Se Carmen estivesse aqui, ouviria ela dizer entre um charuto e um gole de cerveja, que nós devemos ser “protagonistas duma aventura apaixonante e singular: nossa própria vida”.

A maioria de nós teme o naufrágio. Esse afogar-se em meio aos olhares curiosos, ou pior, olhares de reprovação, de se estivesse em casa, isso não teria acontecido, olha o tamanho da saia, olha com quem anda, só podia ser mulher, entres tantos “se” e “só” que usam para nos adjetivar. Falam e decidem por nós. Nossas vidas.

Ainda somos empurradas ao ostracismo, ao silenciamento, às intempéries do julgo masculino. É o patriarcado que, numa tentativa de se qualificar, desqualifica a mulher. E, para nós, mulheres, resta-nos rasgar com nossas próprias mãos o “papel de parede amarelo” no qual nos colocaram e finalmente, assumirmos nosso lugar de fala e de narrativas. Precisamos transgredir a margem, descobrir o mulherão da porra que somos, em um movimento de dentro para dentro cada vez mais profundo, narrando o próprio corpo e seus atravessamentos. Viver a experiência estética de nos tecermos, de nos descobrirmos, de nos tornarmos Mulher. Uma transgressão urgente e necessária, mulheres em fuga e em luta, emergindo das profundezas das águas, rasgando papéis amarelos, ousando pisar o gramado, erguendo bandeiras, gritando insurgências, criando filhas e filhos feministas, pintando-se de cores Frida Kahlo, impregnadas de Eros e, se for preciso, gritemos estátua! com nossos olhos de medusa, com nosso corpo-terra, refazendo pegadas ancestrais, salvando outras mulheres das fogueiras, enfim...

Não quero ser plateia, quero o espetáculo todo, da busca pelo ingresso ao aplauso final e o fechar das cortinas; dos ensaios à noite de estreia; dos medos e desafios frente ao desconhecido ao doce sabor de que valeu cada passo na caminhada.



CARMEN DA SILVA NA
PRAIA EM NITERÓI-RJ

Um paraíso chamado Farol da Solidão

Sérgio da Silva Agra

Quando a noite caiu em pleno dia sobre Porto Alegre e o temporal de chuva e vento desencadeou, LSB estava por completar quatro anos. Pesadas nuvens cobriram os céus e obrigaram os moradores a manterem acesas as lâmpadas de suas casas como se noite fosse. Esse vento ainda espargia as cinzas do incêndio que revoltosos haviam provocado nos estúdios da emissora de rádio situada nos altos do antigo Viaduto. Desde então, na semana que precede a data do aniversário de L, a paisagem de Porto Alegre se transforma: o céu adquire uma tonalidade pardacenta, carregado de nuvens plúmbeas, como que se abajassem e intencionassem afogar a terra.

Conheci L quase que por toda uma vida; ela, porém, jamais soube de minha existência. Quem sou eu? Meu nome? Isto,

agora, é o que menos importa. Apenas aceita meu convite. É como se sobre uma imensa mesa eu te estendesse o mapa de uma ainda misteriosa cidade e nele vislumbrasse o rio que a abraça, suas casas, suas ruas, suas floridas praças e seus recônditos bosques que segredam mágicas cascatas. Permite-te conhecer um tanto da alma de L.

Aquele não seria para L um alvorecer diferente dos que a contar dos quatro anos anunciavam a data de seu aniversário não fosse o dia do seu jubileu. L, vencida e perturbada e maldormida noite em que se revirou entre os lençóis amarfanhados em consequência do implacável assalto de fantasmagóricas visões que anunciavam para data incerta a varredura dos seres vivos do planeta ante a chegada de um Armagedom, desgostosa ante o fracasso dos serviços de uma ialorixá pagos a peso de muitos dígitos debitados em seu cartão de crédito e da enganosa intercessão da mãe de santo junto aos orixás, tomou a categórica decisão: ela abdicaria, a partir daquele dia do aniversário de cinquenta anos, da zona de conforto em que até então se mantivera albergada e colocaria um fim àqueles espectros que lhe perturbavam o espírito. Posso dizer, sem pejos de vaidade, que em muito contribuí para tal propósito. A partir de então eu não mais me fazia necessário a L.

Para L este arbítrio se tornara imprescindível, vital: — descerrar as portas do porão para que dali eclodisse a sombra até então represada pelo ego. L demonstrou a intrepidez necessária para mergulhar na natureza sombria de si mesma e empreender a jornada de autoconhecimento. A sombra de L — como a de cada um de nós — representa

por um lado tudo aquilo que ela (e nós todos) “não gostaria de ser”. É na sombra que também guardamos ricos potenciais, pois ao nos identificarmos e vivermos um lado, o trazemos à luz da consciência, reprimimos pelo menos o outro lado na sombra. A cada escolha o ego deixa de viver muitas outras possibilidades que também se incorporam à sombra. Desta forma, a sombra guarda muitos potenciais que podem ser conscientizados, nos fornecendo novos recursos. Quando o ego toma uma posição unilateral ele polariza um lado em que se discrimina e se identifica, guardando no mínimo o lado oposto, que também se polariza na sombra, seguindo o princípio da compensação. Recordo o dia em que ouvi de L, como se ela estivesse falando para si mesma: - “Vou voltar àquele farol. Será preciso que eu abra sua porta, escale todos os seus degraus e do alto da torre eu olhe novamente o oceano...”.

Buracos

Josineide Ribeiro da Silva

Quanto a habilidades domésticas, levo nota zero: não gosto, não sei e me recuso a aprender.

Carmen da Silva

Maria mora no Rio (RJ). Seu cotidiano é permeado por buracos. Indo para o trabalho, ela se depara com alguns deles. Buracos de bala, deixados num corpo estirado ao relento. Buracos na rua, bueiro entupido, trânsito turbulento! Maria segue seu destino. É mãe solteira, doméstica em Copacabana. Na volta para casa, outros buracos. Dessa vez na barriga dos filhos. Três! Seus estômagos estão vazios de fome, o gás acabou e nem cozinhou o feijão! Mas o buraco mais antigo de Maria é não ter moradia própria. Troca de endereço quando o aluguel atrasa.

Em meio aos buracos que já possui, Maria encontra outros em seu direito que é sorrateiramente negado. O patrão ne-

gligencia o seu direito ao auxílio creche. Paga parcelado seu décimo terceiro. Nunca tira férias e nem por isso é remunerada! Em sua casa alugada, há buracos na parede feitos por um fuzil. Disparado por quem? Não se sabe. Nunca se sabe!

Maria anda cansada. Sua alma, seu corpo, sua autoestima sofrem golpes que a nocauteiam. Maria permanece de pé. O egoísmo do ser humano a enoja. A política pública não funciona. A sociedade ignora a ela e aos seus invisíveis. Maria persiste. A pobreza e a “falta de tudo” não a fazem desistir.

Maria é presente! Luta por sua sobrevivência feito cão sem dono, rezando para que passem logo estes temidos quatro anos. E os buracos? Vão ficando pelo caminho. Na vida de Maria e em seu cotidiano, com a promessa de um dia serem todos tapados. Mas quando? Na próxima encarnação ou nesta?

Milagres para mitigar dores

Andréa Aquino Ferreira

Na comunicação solidária entre mulheres e no assumir o próprio destino como um “fazer”, reside o milagre: o milagre possível, o milagre nosso.

Carmen da Silva

No artigo “Abracadabra!”, de 1981, Carmen da Silva inicia dizendo o seu nome, mas diz que também podemos chamá-la de Nossa Senhora dos Milagres, pois muitas mulheres estão à espera de seu “abracadabra”, e de um milagre. Elas querem ser salvas por alguém.

Eu também um dia almejei o milagre de salvar meu casamento. Fui à igreja, rezei, fiz promessas. Fui a um centro espírita, tomei passes. Pouco adiantou: os limites, as barreiras e as restrições que me eram impostas me sufocavam. E não foi uma “varinha de condão que fez o ruim virar bom”, ou que fez as coisas mudarem.

Diz Carmen da Silva: “Que não mais se sintam obrigadas a

tolerar”. Eu muito tolerei, para manter um casamento que já estava em frangalhos. Mas não deu mais para continuar, acabou.

Acho que o milagre que me resgatou, foi eu ter lido na minha adolescência artigos de mulheres como Carmen da Silva. Eu lia a revista *Claudia*, poderia dizer que eu sou uma semente que brotou dessa leitura, e que se houve passividade, em alguns momentos da minha vida, diria por um tempo, depois as coisas começaram a mudar. E ser independente financeiramente foi a primeira de muitas mudanças, poderia até dizer que segui os conselhos dessa autora.

Minha avó materna nasceu em 1909, minha mãe em 1937, Carmen da Silva em 1919, eu em 1961, 41 anos depois dela; minha filha nasceu em 1984. Quando se relatam pequenos fragmentos da vida das mulheres da minha família revela-se um pouquinho das condições de vida das mulheres sul-riograndenses nestes últimos 100 anos.

Minha avó foi retirada da escola na terceira série do que então se chamava primário. Na época as mulheres precisavam aprender a escrever pelo menos o seu nome, para não ter que sujar o dedão na hora do casamento. E passavam da obediência ao pai para obediência ao marido, e este detinha poder de vida ou morte sobre sua esposa. Seus irmãos, homens, chegaram à universidade, se graduaram em engenharia. Ela pagava muitas despesas da granja onde vivia, com o fruto do seu trabalho. Tinha uma grande horta, vendia em tendas na cidade o que produzia. Ela também fazia manteiga e requeijão para vender. Era zombada, pois o dinheiro que recebia nas tendas era em no-

tas de pequeno valor, amassadas e sujas. Estas notas miúdas pagavam contas daqueles que zombavam dela, despesas de seu marido e dos seus filhos. Diria que por muitos anos sustentou a granja com o seu dinheiro.

Já minha mãe concluiu o ginásio antes de casar, e teve que deixar de estudar depois do casamento. Meu pai era graduado em medicina. Ela nunca teve permissão de meu pai para ocupar-se em um trabalho fora de casa. Na época era exigido que a mulher tivesse permissão por escrito, uma autorização do marido para isso. Ela labutou muito, mas dentro de sua residência. Por isso ela bordou, fez muitos bolos confeitados, docinhos decorados para festas de aniversário e doces em calda durante toda a sua vida. Não desmereço o trabalho dela. Mas foi uma opção que ela encontrou, para manter seu casamento. Na década de 1970, ela, minha mãe, era leitora da revista *Claudia*.

Quando Carmen da Silva começou a escrever na revista, em 1963, eu tinha apenas dois anos de idade. Minha mãe sempre me incentivou para que eu estudasse. Entrei em dois cursos de graduação. Consegui finalizar apenas um deles. Na época em que comecei a trabalhar fora não precisei fazer uso de nenhuma autorização para isso. Incentivei que a minha filha concluísse a universidade.

Hoje junto partes da minha vida, entrelaço o passado e o presente. Escuto ecos desse passado, perdidos na minha memória. Visualizo toda violência que sofri, e que outras mulheres sofrem no seu dia a dia. Diariamente sofremos diversos tipos de violência, sejam elas físicas, psicológicas, sexuais, morais e financeiras. E o abandono, morte, invisibilidade estão presentes no nosso cotidiano. Vejo a

moça que teve as mãos e os pés amputados, por não querer continuar um relacionamento. Vejo Carmem Souza, minha amiga de infância, que teve sua cabeça separada do corpo, e foi enterrada na taipa de um açude, e só depois de quinze dias os cachorros encontraram sua cabeça. Ninguém havia dado falta dela. Vejo uma mocinha bonita sentada na praça da Lagoa, em São Borja, esperando seu ex-companheiro para conversar, achando que estava segura em um lugar público. Mas segurança para mulher é difícil, e ela foi morta ali no banco da praça com muitas facadas. Retumbam nos meus ouvidos as palavras da minha amiga, que me disse há poucos dias, que ela tem que carregar com ela a neta de doze anos, pois a menina não estará segura em casa se ficar só na companhia do avô, do primo e dos dois irmãos.

Pergunto: sairei ilesa desta grande corrente de violência que entrelaça as vidas das mulheres neste Brasil afora? Nossa vida pouco vale. E não vejo mudança. Costuro e prendo o lado avesso de palavras doces. E tenho a convicção de que a estrutura que me prende tem quinhentos anos, quando os portugueses que por aqui chegaram caçavam as indígenas para serem suas mulheres; ou talvez muito mais tempo que isso, de força bruta e silenciosa. E neste silêncio, ouço os gritos de mulheres que vêm sendo agredidas, dilaceradas, difamadas, queimadas vivas. Elas não cansam de pedir mudanças. Mas nunca, ou quase nunca, são escutadas. Emanam daí a dor de séculos. Ecoa nas nossas vidas. Retumba nos nossos tímpanos. A dor que nunca deixa de existir.



Autor
Convidado

Cruzando a praça Tamandaré

José Antonio Altmayer¹

Já cruzei essa praça no século 20 e no século 21; nem todos tiveram o privilégio de viver em dois séculos, mas isso aqui é de somenos importância. Cruzei de dia e de noite, a pé e de bicicleta, parei nos macacos e nos marrecos, vi tucanos e lindas araras e até porquinho-da-índia. Andei só e andei acompanhado, muitas vezes bem, algumas outras nem tanto. Mas cruzei.

Aliás cruzo ainda até hoje e me renovo. Mas isso também não vem ao caso nessa nossa conversa. Esqueci de men-

¹ A **Comissão Organizadora do II Concurso Literário Carmen da Silva** convidou José Antonio Altmayer para integrar este *e-book* com suas crônicas "Cruzando a praça Tamandaré" e "Carmen, a da Silva", escritas no âmbito das celebrações alusivas ao centenário da precursora do feminismo brasileiro, comemorado em dezembro de 2019, e que marcam a relação da escritora com a temática rio-grandina.

A comissão levou ainda em conta o tema proposto para o concurso, gênero crônica, e entendeu oportuna a inserção. As crônicas também podem ser lidas no *site*: <https://www.carmendasilva.com.br/noticias/>

José Antonio Altmayer é rio-grandino, professor, médico oftalmologista, escritor. Integra o coletivo literário "Escritores de Quinta" e, dentre outras publicações, é autor nos livros *Histórias de vento, mar e amor* e *Ventania*, organizados pelas escritoras Joselma Noal e Alison Guedes Altmayer, respectivamente.

cionar que via de regra cruzei sóbrio e com passos firmes, reto pelas alamedas sem álamos, mas com lindos taquarais e com “manacás floridos perfumando a passagem” como descreveu a Carmen da Silva.

O que me traz até aqui, hoje, é a lembrança de uma dessas cruzadas, quando justamente no largo do coreto, hoje levando o nome da supracitada, me deparei com uma reunião insólita. Era de noite, já não recordo a hora e o dia muito menos, e não me perguntem quantas foram as cervejas no Bauru do Atílio. Sanduíche foi um só. Pois ali estava, sentado numa cadeira de bronze esverdeada pelo zinabre, o Bento. Sim, ele mesmo, o Gonçalves da Silva.

Sobre uma pilha de jornais, engraxando as botas do general, o moleque do Gobbi, aquele que homenageia a imprensa. Suponho que fosse um bico do jornaleiro, não uma subserviência da imprensa ao poder, mas sabe-se lá o que passa na cabeça de estátuas redivivas. Os leões ressonavam um pouco adiante, de bucho cheio. Os marrecos tinham sumido, mas não quero aqui levantar suspeitas sobre os felinos.

Continuei me aproximando, seguindo como numa carta antiga, poucas e mal traçadas linhas, e ouvi a discussão, nada diplomática, entre o Bento e um senhor corpulento e careca, vestindo casaca. Parecia que esse sacudia a cadeira onde sentara o general, e dizia: “É minha, é minha”. Pois, meus amigos, pasmem, o Barão tinha perdido a linha. Reclamava, com razão, a cadeira que lhe fora roubada lá na Praça 7 de Setembro, mas seu comportamento era nada diplomático. Provável fruto do cansaço de há tanto tempo não ter onde sentar.

Percebi Bento levar a mão à espada e olhar para o Barão do Rio Branco com rancor e determinação. Quem evitou o confronto foi outra obra do Gobbi. Ele caminhou sobre as águas do lago da praça e, tocando os dois contendores, disse: “A paz esteja convosco”. De imediato o General guardou a espada e o Barão parou de sacudir a cadeira. Jesus voltou para sua posição, andando de costas para não ver a Vênus, seminua, se banhando.

Enquanto isso, na ponte, debruçada sobre a amurada, Carmen discutia seu romance *Sangue sem dono* com a ninfa desnuda, indiferentes ao burburinho gerado por Bento e Rio Branco. Quanto ao Napoleão Bonaparte, não saiu de sua ilha para intervir. Desde que ocupou a região dos marrecos aposentou as armas. Observava de longe coçando o peito. Das minhas passadas pela praça, essa foi sem dúvida a mais estranha de todas. Acho que o bauru do Atílio não me tinha caído bem.

Nota: Todas as esculturas mencionadas estão na Praça Tamandaré, com exceção da de Rio Branco que está na Praça 7 de Setembro, sem a cadeira que lhe foi roubada. Carmen ainda não ganhou sua estátua, mas foi lembrada com carinho. Érico Gobbi foi um excelente escultor cá da terrinha.

Carmen, a da Silva

José Antonio Altmayer

Carmen sentava-se à janela que dá vista para o Cristo Redentor. De certa forma, naquela zona do Rio todas as janelas tinham esse privilégio. Imersa em seus escritos não percebia a chegada da noite, com suas luzes e mosquitos. A brisa trazia um ar mais fresco e as emanções da lagoa. Os ruídos da cidade grande diminuían na medida do avanço das trevas. Insone, seguia escrevendo. Fumava um cigarro atrás do outro.

Muito cedo sua coluna tinha de estar na Editora Abril. Para a revista *Claudia* escrevia sobre “A arte de ser mulher”. Ali expunha suas ideias, liberais para a época, que a faziam amada pelas mulheres e odiada pela maioria dos homens. Minha esposa comprava a revista e, quase sempre, eu lia a coluna antes dela. Também gostava da secção culinária, mas as opiniões de Carmen me marcavam.

Eu admirava seu estilo e suas ideias, embora meu lado machista não permitisse externar esse sentimento. Hoje, é a primeira vez que falo sobre isso. Mas sem dúvida Carmen estava muito além do seu tempo e foi muito lúcida em suas colocações. Pioneira do feminismo, conquistou um lugar no

coração das mulheres, fazendo que tivessem voz e se organizassem. Fez também que homens se interessassem pelo assunto. “A discussão sobre a mulher ampliou-se; hoje ela interessa também aos homens, aos inteligentes, é claro”, disse ela em determinada altura de sua vida.

Escreveu sete livros, manteve publicação mensal na revista *Claudia* e percorria o Brasil reunindo grandes plateias femininas em palestras. Psicanalista, escritora e jornalista de altíssimo nível, orientava uma multidão. E era conterrânea, nascida aqui no Rio Grande. Estudou no Santa Joana D’Arc, trabalhou na Refinaria Ipiranga, depois viveu em Montevideú e Buenos Aires, onde fez análise e publicou o livro *Setiembre*. Mudou-se mais tarde para Niterói e posteriormente para o Rio de Janeiro.

Mas eu não sabia disso, assim como acredito que muita gente não soubesse. Foi preciso que uma amiga querida, vinda da Boca do Monte, trouxesse luz para esse assunto, por meio de estudos sobre a vida e obra de Carmen da Silva.

Lembram de minha crônica anterior, onde falei num coreto existente na praça Tamandaré? Pois hoje, esse local se chama “Largo Carmen da Silva, a grande dama do feminismo brasileiro”, justa homenagem a essa conterrânea tão destacada e tão pouco conhecida em sua terra natal.

Obrigado, Prof.^a Dra. Nubia Hanciau, que com sua equipe universitária movimentou as memórias e destacou a figura ímpar de Carmen da Silva.

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 -900
editora@furg.br

ISBN 978-65-5754-181-4



9 786557 541814

ESTE E-BOOK TEVE O APOIO DE:



FURG
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE



PROEXC
PRÓ-REITORIA DE
EXTENSÃO E CULTURA



DAC
DIRETORIA DE ARTE
E CULTURA



**INSTITUTO
FEDERAL**
Rio Grande
do Sul